



1503
H. 12

65

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

13

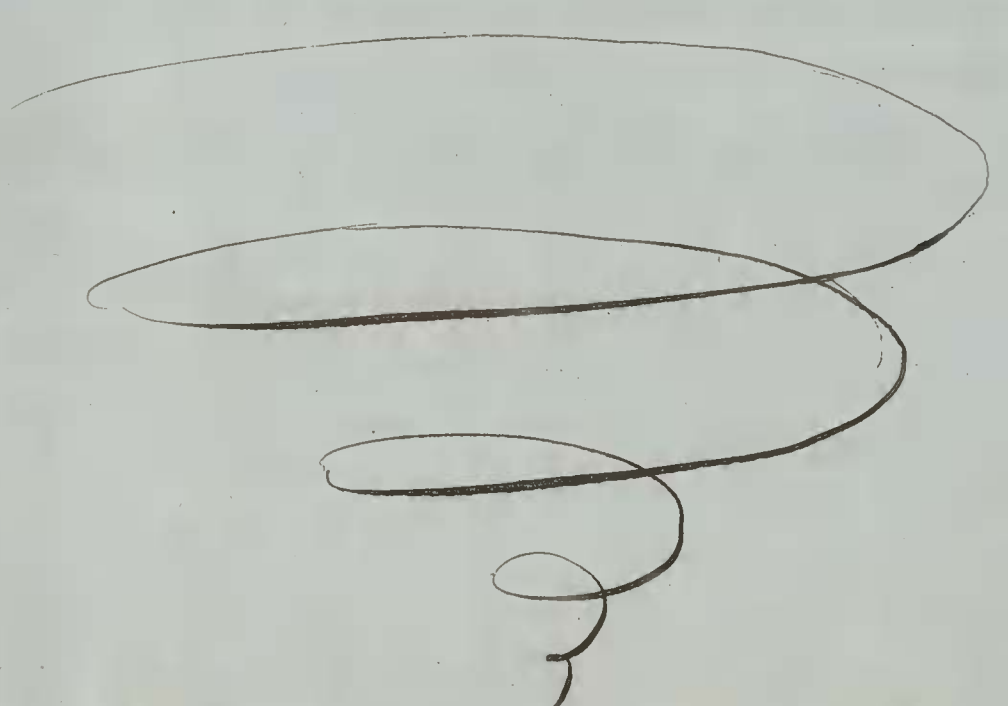
O Tain dos Amores.

Comedia em cinco actos
De Edmond Blouvier.

Tradução

de
Escola Superior de Teatro e Cinema

Frederico da Silva Gomes.



— Personagens. —

O Doutor Théo.
Victor Dionysio, chymico industrial.
Valentin Desrives.
Jonas Fantoche.
O barão Stevens de Wolverschott.
Amado Rigaudarol.
Berthoud, proprietario.
Rosa Roussoups, costureira.
Luiza, mulher de Victor Dionysio.
Felicita, mulher do barão.
Theresa, filha de Berthoud.
Convidados de ambos os sepos, creados do barão.

Acto Primeiro.

Habitacão d'um rapaz solteiro, mobilia meio elegante, objectos d'arte, um pouco em desordem. Porta a' direita; poltrona a' esquerda; secretaria a' direita; mesa de pé de gallo a' esquerda.

Scena Primeira Valentim, Jonas.

(Ao levantar do fumo, Valentim está á mesa acabando d'almoçar, com as costas voltadas para a porta da entrada)

Jonas — (Abrindo um pouco a porta) O senhor Valentim Desrives, da licença?

Valentim — (Com o nariz dentro do copo) O que lhe quer?

Jonas — Meu Deus! Venho de Villers-Cotterets, sua e minha patria, de proposito para o abraçar.

Valentim — (Levantando-se) Jonas! (Abraça-se).

Jonas — És tu, Valentim?

Valentim — Quando chegaste?

Jonas — Ha mais d'um mez.

Valentim — É só hoje e que appareces?

Jonas — Ah! meu caro, isso é uma historia muito comprida... Estavas almoçando?

Valentim — Acabei mesmo agora... e tu?

R Jonas — Eu! comia agora com bom appetite uns biscoitinhos e algum pastelinho.

Valentim — Ora o meu pobre Jonas!

Jonas — (Bondo-se á mesa) Oh! lastima-me. Escuta um pouco. Ha um mez, pouco mais ou menos... (foi em maio, visto que estamos em junho) chego á noite a Paris, bebo, como, e deito-me. No dia seguinte, alugo um trem á horas e dirijo-me á rua de Bucy... «mora aqui o Senhor Valentim Desrives?...» — Quando se, responde-me um porteiro com um modo muito afavel! Ide á rua Pleue. — Cocheiro! rua Pleue?... «mora aqui o Senhor Desrives?» — Quando se, responde-me um porteiro com um modo severo! Ide á rua do Inferno!... «Dirijo-me á rua do Inferno.» «Mora aqui o Senhor Desrives?» — Quando se, responde-me um porteiro com um modo gracioso! Ide á rua Branca... — cocheiro, rua Branca!... Quando se, responde-me um porteiro com um tom magistro! Ide á rua Bucy... «allí vou, ou antes allí volto, mas tu já lá não moravas, segundo me confirmou um outro porteiro... com um modo sombrio. Mas a paciencia que tu tens de andares sempre a mudar de casa! é que tipos de porteiros que eu encontrei nas diferentes casas que tens habitado!

Valentim — A tua narraçao commove-me! Mas, a final, encontraste um porteiro que te respondeu: mora aqui!

Jonas — Sim! encontrei-o, e olhei para esse porteiro inesperado, com tales olhos que lhe causaram medo... Quando descer hei de abraçal-o... Na pessoa de sua mulher.

Valentim — Com que entao tornaste-te agora atrevido?

Jonas — E tu, em que te tens tornado? Pa- 3
gavas o teu tributo a ultima vez que te vi-
ram em Villers-Cotterets... e agora?

Valentim — Admiro-te! não me pare-
ces o mesmo!

Jonas — Ora sempre és muito asno!

Valentim — O que vens fazer a Paris?

Jonas — Venho procurar uma posição
social, contei contigo...

Valentim — Muito te agradeço a tua
lembrança, meu Jonas, mas...

Jonas — Vamos! aqui para nós; é preciso
que me guies, porque hei-to muito... Devo ser
engenheiro de pontes e calçadas, ou professor
no collegio de França, auditor no conselho
de estado, ou sabio distincto? Has de escla-
recer-me, contei contigo.

Valentim — E' só isso? Não contaste comi-
go para alguma outra coisa?

Jonas — (Chevantando-se) Oh! se contei! (Assentan-
do-se) Valentim, tu és que se chama um per-
feito cavalheiro. Sei que amas, como Lau-
zun... que és amado como Lovelace... que
tens tido mais amantes que S. João... Em-
fim, conheces o amor...

Valentim — Como se o tivesses feito!

Jonas — E eu, Valentim, eu, ai de mim!
nunca amei, vês! mas creio que a minha
hora soou; quero viajar no mundo amoro-
so, ir d'Amathonte a' Cythera, da mo-
derna Lesbos a' moderna Taphos, e con-
tei contigo, Valentim, para me conduzires!

Valentim — Jonas! as viagens formam
a mocidade. Bem desejava guiar-te

4 onde queres ir, mas ha um pequeno inconveniente.

Jonas — Qual é'...?

Valentim — É que...

Scena 2.^a

Os mesmos e Theo.

Theo — (Entrando) Bom dia.

Valentim — (Levantando-se) Olá! Por aqui!

Theo — Sim, julgo que estou aqui. (Elle cumprimenta Jonas) Como vaes, Valentim...?

Valentim — Menos mal, meu doutor.

Theo — Não fizeste alteração nenhuma no teu programma?

Valentim — Não, meu amigo.

Theo — Bem!... estou salvo!...

Valentim — Um momento d'attenção!

Theo — Ah! meu caro, tenho ainda de antes a visitar, e depois vou almoçar com o nosso amigo Victor Dionysio, lembra-te! aquelle nosso antigo camarada...

Valentim — Bem me lembro. Poi vae jantar com elle, e almocha comigo (A Jonas) deixaste alguma coisa...?

Jonas — Sim, sim! Ha inda uma ou duas sardinhas.

Theo — (Aproximando-se da mesa) A agua é' fura?

Valentim — Como a minha alma!...

Theo — (Assentando-se) Então está mal filtrada!

Valentim — (Pindo) Vamos, come, Lucullo,

em quanto me visto. Ah! mas é preciso que te apresente primeiro este senhor. Chamo-se Jonas Santoché, natural de Villers-Cotterets, e veio de Paris... meu Deus, com uma ideia muito simples: achada, pedra philosophal, tendo em cima um melho branco, e em roda uma grinalda de mulheres perfectas! E para isso conta comigo, e, se queres, contarei também contigo. (Durante este tempo põe nos hombros um casaco que está n'uma cadeira ao fundo.)

Jonas — Meu Deus, a verdade é que muitas vezes tenho medo de adoececer... de, com o seu auxilio...

Valentin — Vê... contar contigo... (Com tom mais serio) Ah! sua mãe era minha madrinha e foi uma excellente senhora, que, na minha infancia, substituiu minha mãe.

Théo — (A Jonas) Conte connosco, senhor Jonas!

Valentin — Jonas, repara bem n'este homem que faz saltar as migalhas ao teto! este homem é um grande sabio: o doutor Theophilo Valhoi, a quem chamam o doutor Théo; elle hoje sangra, amanhã purga, mata a direita, salva a esquerda, desanima aqui, consola acolá... e, geralmente, trata o seu proximo melhor do que a si mesmo. A sua especialidade como medico são as affeições do coração... e, como homem, é um insigne advogado do bello sexo... do que lhe resulta muito mal e nenhum interesse.

Théo — Exactamente! exactamente!

Jonas — Magnifico! magnifico! Mas, Valentin, quando este senhor entrou, ia dizer-me qual é o pequeno inconveniente.

6 que te impede de me quizer...
Valentim — De Taphos a Cythera?
sim, é verdade! Pois bem, meu padrinho, é
porque eu volto as costas a esses poizes;
é porque vou casar-me!...

Jonas — Tu! Tu... ah! não és um amigo!
mas tu estás zombando!... Não é assim
doutor!...

Theo — Sou seu padrinho.

Valentim — (Passando para a direita) É meu
padrinho... estes médicos são bem cruéis!

Theo — Os médicos devem ser a favor
do casamento, visto que um dos principais
effeitos do casamento é...

Valentim — (Instituto) Restabelecer o equili-
brio na população?...

Theo — (Rindo) Sem dúvida!

Jonas — (Com um ar desconsolado) E fazes bom
casamento?

Theo — Excellente: casa com uma linda
menina de 17 annos, chamada Theresa, que
adora o seu desposado.

Valentim — (Sobrinhando) E não tenho so-
gra!

Theo — São tudo felicidades! Um boni-
to dote, uma familia honrada, composta
somente do pae o senhor Berthoud, pro-
prietario; d'um tio materno, Amado Bigan-
dard; e d'uma tia já velha que habita
em Amiens...

Valentim — (A Jonas) E como eu tenho
tambem alguma fortuna... Porque, pouco
antes de meu pae fallecer, tinha elle
emprestado algum dinheiro a um amigo;
este dinheiro, julgava-o perdido!... Porém

não aconteceu assim. O amigo enriqueceu n'uma
empresa, e, desempenhando-se ficou comigo
associei-me aos seus lucros. (Mostrando uma carteira)
Tenho aqui dentro muitas somas realisaveis,
com as quaes posso comprar bonitos bouquets
e muitas prendas a minha mulher.

Jonas — Sua mulher... Ah! não se po-
de contar com pessoa alguma!

Valentim — Adeus pois, o tempo da
mocidade e das loucuras... das misérias e
dos amores!

Jonas — E não tens saudades de coisa
alguma...

Valentim — Da liberdade, sim! algu-
mas vezes... dos amores, não! Conheci de-
masiado as mulheres para ter sanda-
des dos amores...

Theó — Incorrigivel destino!

Jonas — Que opinião formaste do
bello sexo, Valentim...

Valentim — (Pindo) Uma opinião...
execravel!

Theó — E não fazes excepção...

Valentim — Exceptuo a minha
mãe, a tua, a de Jonas... e a minha
futura.

Theó — És muito generoso!

Valentim — (Como que recordando-se) Espera...
Sempre exceptuei tambem uma certa
menina que era uma completa excep-
ção! uma delicada creatura, pobre, la-
boriosa, bonita e prudente.

Jonas — Desejava conhecê-la...

Valentim — Goloso! Apesar d'esta
menina ser muito prudente, parecia

S amar-me com tanto ardor, que... tive medo,
e não estando disposto a casar com ella,
salvei-me... Prestei homenagem á virtude
de... fugindo-lhe...

Theo — Muito bem! O pobre menino
deve ser-te muito reconhecido.

Valentim — Essa é boa! cala-te! el-
la pouco bem me ha de querer.

Theo — (Chevantando-se) Malfazejo! Mas
não, o teu habito de dizer mal das mu-
lheres é pura fanfarronada; conheço-te:
és capaz de te deitares ao mar por causa
d'ellas. (Elle sobe).

Valentim — Quando se sabe nada
bem!

Theo — (Tornando a descer pela direita.) És capaz
de fazer toda a sorte de sacrificios em
favor do bello sexo.

Valentim — Certamente!

Jonas — Todavia, meu amigo, as mu-
lheres são boas...

Valentim — São boas, sim!... para
enganar os homens...

Theo — O que me surpreende, é que
na tua idade se digam ainda seme-
lhantes ameiras! e o que me admira
ainda mais, é que os homens que tem
sido mais amados sejam a maior par-
te das vezes os mesmos que tributam me-
nos estima áquellas que os tem amados.
Miseravel! as mulheres mentiram-te
e illudiram-te muito?...

Valentim — Se me mentiram! é a
sua vocação; só a si proprias é que ellas
não mentem. Enganado... não! Que eu!

saiba... Mantenho-as visto muitas vezes illudr. 9
as outros por minha causa...

Theo — Mas, desejava todavia ver-
te logico... (indo do fundo buscar um livro que está sobre
um bufete e trazendo-o a Valentim.) O que é isto?

Jonas — É verdade, o que é isto?

Valentim — (Pegando no livro e animando-se) Isto...
é o que eu chamo o meu livro d'ouro, as
minhas impressões de viagem no paiz dos
amores! o memorial dos meus dias felizes; ha
aqui muitas datas, juramentos, ditos espirituosos,
nomes, recordações, esperanças, e tambem pe-
zares; moldurando tudo isto photographias de
mulheres que tenho amado ou julgado amar,
o que vem a ser a mesma coisa: Elisa, An-
na, Julieta, lindas ficções de carne e osso; can-
ções alegres e melancolicas cantadas quando
eu tinha os meus vinte annos... Se guardei is-
to, Theo, se escrevi algumas notas em cer-
tas paginas risonhas, é porque no tempo em
que conheci as enganadoras cujo vestigio está
aqui dentro, vivia quasi sempre pobre; mas
hoje que vivo mais commodamente, ser-me-
hia agradável demonstral-o aquellas que
ficaram... Mas que é feito d'ellas, dizia eu?
para onde voam, quando chega o outomno,
essas andorinhas, mensageiras da estação amo-
rosa... Isto atormentava-me muito... mas ti-
nha aqui indicações, para saber onde ellas
estavam... o tempo, porém, faltou-me... (Chevan-
tando o livro aberto) Emfim, meus amigos, é o primeiro vo-
lume da minha vida, com esta epigraphie:
Indolencia e Prazer.

Jonas — E vaes-te casar...?

Valentim — (Fechando o livro) É preciso mudar

de vida. (Elle atira com o livro para cima da poltrona).

Theo — (Assentando-se) E' feliz!

Valentim — Nem d'isso, encontrar em Thereza uma perola d'innocencia, um ideal d'amor, um d'esses anjos...

Theo — Que o céo tem reservado para os seus escolhidos....

Valentim — Sim!... Passemos ao segundo volume... agora a epigrapha, e': Razão e Felicidade.

Theo — (Levantando-se e dirigindo-se a Valentim)

— Pois bem! escuta: a tua felicidade não seria justa! tu es demasiado feliz para não te acontecer alguma desgraça!...

Valentim — E' isso... Valentim não foi idôlatra, o bom Deus o castigará! Sobre Theo! que calor quando se trata: «Das damas!» Tens-lhes muito amor, não é assim...?

Theo — Não amo precisamente as damas... amo as mulheres; e' o meio de ser justo para com ellas... Devo todas as minhas felicidades a esses monstros... e... estimo-as, porque a regra para ti, e' para mim a excepção!

Jonas — Qual de vós errou?... quem tem razão?... oh! eu saberei; eu me instruirei! e' tão bella a sciencia!

Valentim — Então, doutor, não ha mulheres mais?

Theo — Se as ha...

Valentim — Ah!...

Theo — Em grande numero.

Jonas — Ah!...

Theo — Mas não é por culpa d'ellas... E de mais... amo-as do mesmo modo.

Valentim — Então, Theo, parece que fo-

te especialmente criado para o casamento. //
Porque não te casas?

Theo — Não tenho tempo! E os meus do-
entes! Vamos, ainda tenho doentes a visi-
tar! Os senhores gosam boa saúde, vou
accender um Charuto... e adeus! (Como quem
cheira) Que cheiro é este? (Jonas subiu e passa à esquerda)

Scena 3^a

Os mesmos e Theo.

Rigandard — (Entrando) Meus se-
nhores, tenho a honra de cumprimentar!

(A Valentim) Bom dia, querido amigo!

Valentim — (Apresentando-o) Meu tio Rigandard.

Theo — Bem dizia eu, que cheirava
aqui muito bem... era aos perfumes que usa
o senhor Rigandard.

Rigandard — Ah! gosto d'isto! e pa-
ra me recordar d'uma encantadora perfu-
mista de Bordus... (Tirando um frasco da algibeira.) Eis-
aqui um bello aroma! que tal vos parece...?

(Deita algumas gotas do frasco na mão e no lenço, e unta o cabelo,
etc. — continuando) Mas, esperava encontrar aqui o

meu cunhado Berthoud com Thérèse!

Valentim — Ficaram de vir...?

Rigandard — Sim, caro amigo, para lhe
annunciar a demora de alguns dias no seu
casamento.

Valentim — Como!

Rigandard — Sim, sim, Berthoud dará

12 as explicações. Não tem maior importância...

Valentim — Mas, contudo...

Rigandard — (Indo à mesa) Estava almoçando aqui?... isto, faz-me appetite de comer também alguma coisa!...

Valentim — Veja-se lhe a grada o que sobejou; afianço-lhe que nada é indigesto.

Jonas — Um queijo de Neuchâtel...

Rigandard — Bravo! isto faz-me lembrar a Suíça, Guilherme Tell, J. J. Rousseau!... Deixaram-me algum vinho?... sim! estamos salvos... (Põe-se à mesa)

Valentim — Tome conhecimento com o meu amigo Jonas, querido tio, creio que elle conta convosco para alguma coisa.

Rigandard — Valentim, a sua boa estrella quix que desposasseis a minha sobrinha! mas não me chame seu tio, caro amigo, isso far-me velho!... e eu não gosto que se saiba qual é a minha veroladeira idade... chame-me antes pelo meu nome... Amado. Amado! nome bem justificado, pois... (Voltando-se para Jonas) quando comencei os meus namoricos... Escute, é preciso que lhe conte isto... (Continua mais baixo, e Jonas assenta-se ao lado d'elle.)

Théo — (A Valentim, puxando-o para si) Adeus! amanhã voltarei, e dir-me-has o que ha de novo.

Valentim — Ah! sim! amanhã! mas amanhã, meu caro, já não estarei aqui. Isto está alugado; ainda esta tarde tenho que retirar d'aqui tudo que me pertence, e, como não tenho própria casa alugada, vejo-me sem asylo.

Théo — Podes vir para minha casa... Ah!

e verdade! sabes que vamos amanhã à noite 13
ver o meu cliente o barão Stevens de Wolvers-
chott: tenho uma carta de convite para ti.

Valentim — (Rindo) Oh! irei, irei...

Théo — De que te ris? (Fallam mais baixo).

Rigandard — (A Jonas) Quando fiz parte
da companhia do tabaco tornei conheci-
mento com uma rapariguinha, extrema-
mente riiva, empregada na fábrica...
é preciso que vos conte isto... (Continua em voz
baixa)

Valentim — (A Théo, continuando em voz alta) Bem,
bem! não ris mais! estarei em tua casa às
dez horas. (No momento em que Théo vai para sair, entram Ber-
thoud e Thereza. — Jonas levanta-se.)

Scena 4ª

Os mesmos, Berthoud,
Thereza.

Théo — (A Thereza) Os meus respeitos, minha
senhora!

Thereza — (Com alegria, a Valentim) Bom dia,
senhor...

Valentim — (Da mesma forma) Senhora... (Fala
assentando à direita).

Berthoud — Retira-se, doutor? deseja-
va consultá-lo...

Théo — (Escapando-se) Mais tarde! logo! ama-
nhã! um seu criado! (Sae).

Berthoud — (Pandando) Meu futuro genro... (A
Jonas) Senhor...

14 **Valentim** — (Mostrando Jonas) O senhor Jonas Fantoche, um amigo da infancia... (Berthoud sanda e passa junto de Rigandard)

Jonas — (Em voz baixa a Valentim) Ah! meu caro, como ella é linda!... (Valentim vai para o pé de Theresa)

Theresa — (Em voz baixa a Valentim) O tal da amigo da infancia parece-me ser um grande asno!

Rigandard — (A Berthoud) Caetano. tu que fizeste bons estudos... (Enchendo um copo de vinho da Madeira) diz-me que tal é esta fzinga!

Berthoud — (Segando no copo) É da Madeira... vae saber a minha opiniao! (Passa para a esquerda).

Valentim — (Baixo a Theresa) É verdade, Theresa, que o nosso casamento não pôde ainda ter lugar...?

Theresa — (Graciosamente) Ah! de mim? sim.

Valentim — Ah! não se ria, Theresa, que eu tambem não me rio. (Rigandard levanta-se, Jonas dirige-se a elle).

Berthoud — (Pondo o copo em cima da mesa e passando junto de Valentim.) Senhor Desrives, o seu vinho da Madeira dá-lhe muita honra; mas eu sou um homem serio... escute-me. A tia de Theresa, de quem tendes ouvido fallar, e que habita em Amiens, desce para ver minha filha... ella está... (Sorrindo-se contra vontade) está doente, essa velha tia, muito doente... (Sorrindo-se contra vontade) Se em lugar de esperanças, Theresa lhe trouxesse realidades! hein? hein? comprehende...?

Valentim — Compreendendo que isso va demorar...

Berthoud — O seu hymeneo?... sim, por...

alguns dias! mas esta velha parenta ama 15
muito Thereza... haremos de oppor-nos a is-
so...

Valentin — Não me opponho... mas...
(Indo a Thereza, e pegando-lhe nas mãos) mas é preciso
prometter-me... (Assenta-se junto d'ella e continu-
am a fallar baixo).

Rigandard — (Assentando-se na poltrona, a Jo-
nas) Escute! é preciso que lhe conte isto...
(Continua mais baixo).

Berthoud — Vamos, minha filha,
partes esta tarde e tens ainda que fa-
zer...

Thereza — (Sem se mecher) Quando quizer,
papá!

Berthoud — Não vens, Rigandard?...
haremos de precisas de ti...

Rigandard — (Sem se mecher) Com todo o
gosto, Caetano!

Jonas — (A Berthoud, mostrando-lhe os desposados) A
meu amigo deve-lhe uma grande felicidade
de, senhor Caetano! a menina Thereza é
um anjo! além d'isso o seu nome rhyma
com belleza... com belleza...

Berthoud — É essa a minha convic-
ção! (A parte) Este mancebo tem talento! (Alto)
Com quem rhyma o meu nome?... Cae-
tano... Caetano...

Jonas — Com magano!

Berthoud — É verdade! Thereza...

Jonas — Com belleza!

Berthoud — Caetano...

Jonas — Com magano!

Berthoud — (Rindo) É isso... é isso... mas eu
sou um homem serio... (A Thereza) Vens, minha

16 filha?

Theresa — (Revantando-se e bem assim Valentin) e agora estou, papai.

Berthoud — Acompanha-nos, Rigandard.
Rigandard — (Dirigindo-se a Berthoud) Sim, cá támo, sim. (A Jonas) Caro amigo, tenho muita satisfação em o ficar conhecendo.

Jonas — Conto com vosco.

Rigandard — (A Berthoud) cê's tuas ordens!

Berthoud — (Dando o braço a Theresa) Vamos, em pouco tempo será meu genro!

Valentin — Em oito dias, Theresa!

Theresa — Antes de oito dias, Valentin!

Rigandard — Até mais ver, caros amigos, até mais ver. (Saídações, apertos de mãos.

— Valentin envia beijos a Theresa, que sai com Berthoud e Rigandard.)

Scena 5.

Jonas, Valentin.

Jonas — (Comigo mesmo, vendo sair Theresa) e cá é o retrato d'aquella com quem eu tenho sonhado para meu primeiro amor. (Alto)

Que tens, Valentin? estás contrariado!...

Valentin — Eu sei... estou desorientado.

Jonas — Essa é boa! por oito dias... faze sem depressa!

Valentin — Sim! mas como os hei de passar...? Do dia de hoje ao dia da cerimonia, os meus instantes estavam contados e preenchidos: nada mais tinha a fazer; agora

vejo-me ainda por alguns dias entregue 17
à vida de rapaz solteiro, e...

Jonas — (Dando um grito) Ah!

Valentim — O que é?

Jonas — Tenho uma ideia...

Valentim — É o ar de Paris...

Jonas — Passa-lhe o pé, e deixa-te
ficar solteiro.

Valentim — Como? porque motivo
hei de eu fazer isso?

Jonas — (indo buscar o livro d'ouro) Porque? pa-
ra tornar a ler ^{comigo} estas paginas encan-
tadoras onde tu tinhas escripto estas notas:
para onde vão estas andorinhas? "Vem!
sabel-o-has.

Valentim — Pois bem... sim! tens
razão! É o momento proprio ou entao
nunca... Além d'isso, hei de ter algu-
ma coisa a reparar no caminho que
percorri. Ha dias, escuta! passando
pela rua de Bucy, reconheci em uma
janella do quarto andar de um predio
onde eu já habitei, uma certa Suiza,
de quem eu fui o primeiro amor: era um
pouco preguiçosa e não sonhava senão
com veludos e rendas. Mas no dia
em que eu a vi travar ella um
pobre vestidinho escuro, o que me cau-
sou bastante pena... o que farei ella
agora?

Jonas — Vamos sabel-o... Verdão que
depois has de casar-te com a conscien-
cia mais tranquillada... e mais contente.

Valentim — (Animando-se) Vamos! a ca-
minho para a caça das recordações.

18 Jonas — E eu n'essa cascada será
coisa do diabo se não abito algum
amor, que ha de ser o meu primeiro
amor...

Valentin — Partamos!...

Jonas — Partamos! Onde vamos pri-
meiro?

Valentin — A rua de Bucy!
(A orchestra toca)

(Que o fanno)

Acto Segundo

Interior da casa de Dionysio e sua mulher,
na rua de Bucy. Porta ao fundo, dando para
uma estreita antecâmara, além da qual
a porta do patamar deixa ver a escada.
A' direita e a' esquerda portas interiores;
a' direita, no primeiro plano, uma janella.
A' sala serve de casa de jantar. Ao fundo
um pequeno bufete; a' esquerda um armario
grande; ao centro uma mesa redonda. Um
casaco de criança posto em cima d'uma
cadeira a' esquerda. Um espartaco em
cima da mesa.

Scena Primeira

19

Luiza — (Pó; está com um vestido escuro; acaba d'arranjar uma pouca de roupa branca que está em cima da mesa e que leva para o armário) **Ah!** estas lavadeiras... quando a roupa não tem nodos de ferro, vem toda cheia de rasgoes; e quando não a traem rasgada ou com nodos de ferro, traem sempre de menos alguma peça, que dizem ter perdido... (Vendo a porta da esquerda) Rosa, veja o que está fazendo o troquinas do meu filho... (Voltando) **Ah!** eu devia ser como essas boas donas de casa, que obrigam as lavadeiras a pagar a roupa que perdem! (Battem) Entre...

Scena 2ª

Luiza, Valentim (Entrando pelo fundo)

Valentim — (Barando a porta. Luiza não o vê ainda) E' aqui... e e' ella! **Ah!** o coração batte-me mais do que eu esperava... (Aproximando-se devagarinho) **Luiza?**

Luiza — (Voltando-se, reconhecendo-o, com um pequeno grito) **Ah!** e' o senhor... (Perturbada e como a si mesma) **Ah!** meu Deus...

Valentim — Eis o effeito da minha visita...! Dá-me a sua mãe, minha filha?

Luiza — (Com embaraco, sem lh'a dar.) Bom dia, senhor Valentim... (Mostrando-lhe uma cadeira, depois continuando) Tenha o encommodo de... não... (Com si mesmo) **Ah!** meu Deus...

20 *Valentim* — Ah! minha pobre Luiza, em que estado eu vos torno ao encontrar!... ainda mais bella!... porém vestida com muita simplicidade!

Luiza — Mas... isto é um vestido que eu trago pela manha em quanto arranjo a minha casa...

Valentim — Pois não tem quem faça o serviço da sua casa?

Luiza — Não tenho outra criada para mim e para meu marido!

Valentim — Então é casada!...

Luiza — A sua admiração é pouco generosa, senhor Valentim...

Valentim — A minha admiração!... mas... quem lhe disse que não seja antes pezar!

Luiza — (Fazendo signal para que se cale) Calada! Sou casada e tenho um filhinho.

Valentim — Ah!... os meus parabéns!... não esperava... (Comigo mesmo) Mas a final de contas o que tenho eu com tudo isto!...

Luiza — E... a que devo a honra da sua visita, senhor Valentim?

Valentim — Meu Deus, senhora... custa-me ouvil a tratar-me por senhor!... e creio que o passo que dei em nada a offende... Confesso que esperava conversar um pouco a' cerca do passado... (Baluçando) Tinha sobre tudo grande desejo, se por desgraça a sua posição... mas sois casada... Diabo!... Com tudo... sois feliz, Luiza?... e permite a um amigo que lhe pergunte quem é o seu marido?... esse homem que a deixa fazer os trabalhos grosseiros da sua casa?

Luíza — Podia responder-lhe: «Ninguém tem nada com isso».

Valentim — Sem dúvida!

Luíza — Porém prefiro dizer-lhe: «Meu marido...» (com arremeço) ah! é o mais nobre dos homens... (contendo-se) Meu marido, é um sábio modesto a quem a chymica deve as mais bellas descobertas, e a quem a industria ha de ser reconhecida pela sua applicação... Desgraciadamente, tem muitas vezes experiencias custosas a fazer, o dinheiro é caro, os resultados são lentos, o filho não espera por elles, e a economia reina aqui como um tyranno? É por isso que, contra vontade de meu marido, despedi primeiro a ama, depois a criada, e substitui-as por mim mesma... Parece-me que lhe tenho respondido como a um velho amigo?...?

Valentim — Fico-lhe muito obrigado, e eu me explico: essa actividade, essa simplicidade, essa resignação... O seu marido é chymico, ha de tel a metido em algum cadinho, e...

Luíza — E refundi-me, sim!... não sabe o que um homem pode fazer d'uma mulher de quem é amado... É preciso somente que este homem... seja um homem.

Valentim — (à parte) Ah! tens meus rapazolla o que tu vieste cá buscar?

Luíza — (Mostrando a roupa em cima da mesa) Permitta-me que acabe de arranjar...

Valentim — Ah!... (à parte, vendo-a ir e vir da mesa para o armario) O facto é que ella nunca

W. me amou como parece amar seu marido... Dir-se-hia mesmo que o seu pobre retidinho escuro ainda a far mais bonita...
Luiza — (A parte) Oh Deus, este homem não se irá embora...

Valentim — Esse homem deve ser feliz! Tel-o-hia eu sido tambem se tivesse desposado Luiza?... Ah! presente mente, acredito que sim!... Vamos, vamos, em lugar de me deixar dominar d'um tolo ciúme, procuremos ser util um dia a esse honesto sabio!... (Alto) Vou retirar-me, minha senhora...

Luiza — (Com vivacidade) Obrigado, Valentim.

Valentim — (Sorrindo-se do movimento) Mas antes de me despedir, minha senhora, faz-me a honra de me dizer o nome do seu marido? se por acaso o encontrar alguma vez, quero saudal-o com todo o respeito que devo a um homem de talento que, graças á senhora, se julga um homem feliz.

Luiza — O meu marido chama-se Victor Dionysio.

Valentim — Victor Dionysio! É um dos meus antigos conhecidos!...

Luiza — (A parte) Ah! meu Deus! (Alto) Elleahi vem!

Scena 3ª

Os mesmos, Victor, (Entram do pelo fundo)

Victor — (Indo para Luiza) Bom dia, minha W 3.
querida!... (Estando Valentin, e recuando) Perdoar, S.
nhor!... (Reconhecendo-o) Ah!... e' Valentin Desri-
ves!

Valentin — (Sem pueros embaracado) Sim, meu
caro Dionysio.

Victor — Me' que em fim. Se resolveu
a vir a esta sua casa! Muitas vezes di-
zia a Me' que deixava ir visitar o meu
amigo, furem a falta de tempo...

Valentin — Tambem da minha
parte a falta de tempo...

Victor — Mas ate' que appareceste, e
sede bem vindo!... (A Luiza) Minha amiga,
e' um dos meus antigos companheiros.. ti-
nhamo-nos perdido de vista...

Luiza — E' verdade, e' o que este se-
nhor acaba de me...

Valentin — E' o que eu dizia a S.
nhora, quando chegaste; e veja o que e'
o acaso! Ja' habitei esta casa!... Tinha
eu os meus vinte annos, mas como ella esta
mudada e embellezada...

Victor — Em esse tempo cantaveis: "n'uma
agua-furtada e' que se vive bem..."

Valentin — Sim, puzo que vivia per-
feitamente! Hoje os que tem vinte an-
nos declaram mentirosos essa cancao!

Preciso absolutamente d'um primeiro
andar com uma boa sala! Quanto
a custureiras bonitas e' fazenda que ja
nao ha.

Victor — Ha ainda uma! Justamente na
sua ex-agua-furtada! Sim, uma custureira
encantada e cheia de modestia e verdade!...

Wh. é a madrinha do nosso filho; uma menina...
(Mostrando a estatua com as mãos) d'esta altura, a
quem eu hei de apresentar-o.

Valentim — Muito estimarei.

Victor — Janta com nosco...? Parece-me que
Théo ha de vir...

Luiza — Mas...

Valentim — Não! obrigado!... não me
é possível.

Victor — Pois tenho bastante pena... (Baindo
a Luiza) Que tens Luiza?... Estás incommo-
dada?...?

Luiza — Não, meu amigo, estou um pou-
co cansada...

Victor — (Continuando, alto) Vae cuidar no
jantar, não é assim, minha amiga... lem-
bra-te do doutor...? Sobre Théo...? nós não
lhe pagamos as obrigações que lhe devemos!
pelo menos é preciso que o caldo esteja
bom!...

Luiza — Vou já, meu amigo. (A parte,
saindo) Ah! para que veio cá este Valentim?...
(Ella sae pela esquerda).

Scena 4^a

Victor, Valentim.

Victor — (Dando uma cadeira a Valentim) Queira
sentar-se... Diga-me! Valentim, em que se oc-
cupa agora...?

Valentim — Eu?... vou assentar
praca no sei regimento.

Victor — (Vendo a roupa que está em cima da mesa) 25
Esperem! o arranjo da casa ainda não
terminou!... atrozou-se hoje o trabalho à
minha pobre mulher... (Pindo) Dai-me licen-
ça que eu vá dobrando esta roupa em quan-
to conversarmos?...

Valentim — Foi não!... Quer que o aju-
de?...

Victor — Não, agradeço!... (Elle dobra a rou-
pa) Dizia que...

Valentim — Que vou casar-me, meu
caro...

Victor — Ah! sim, foi o que Théo me acon-
selhou, e, afianço-lhe, que farei muito bem!...
Na nossa cidade deve ter-se reconhecido
já qual é a mulher que mais nos con-
vem!... e tendo-a encontrado, deveremos guar-
dal-a... ah! como guardamos a nossa hon-
ra!... É verdade, que o tempo que se gasta
em galantear as damas, é um tempo di-
vertido, mas a final conta: é a moeda
falsa do coração, em quanto que o verda-
deiro amor é a mina d'ouro puro... (Pe-
ga no espanador).

Valentim — Falla como um sabio!...

Victor — Assente-se... (com um espanador na mão)
Mas é somente no amor que eu encontrei a mi-
nha d'ouro.

Valentim — (Assentando-se) Como se enten-
de isso?...

Victor — (levantando o seu espanador) Eu lh'o ex-
plico!... Figure, meu caro, que sou a victi-
ma do mais abominavel usurario que ha
talvez em Paris!... um tal Berthoud...

26. Valentin — (à parte) Berthoud!

Victor — (Continuando) Mas costas de quem eu partear de bom grado este espanador, se eu posso pagar o que lhe devo. (Atira com o espanador)

Valentin — (Perturbado) Chama-se Berthoud?

Victor — (Assenta-se de frente de Valentin. — A mesa está entre elles.) Sim, Berthoud! E não somente me leva cem por cento pelo dinheiro que me adianta, mas ainda, se tem confiança em alguns dos meus trabalhos, estipula a parte que quer ter nos lucros! Quando penso no dinheiro que o seu dinheiro me tem custado! e que poderia tel-o empregado em rendas e cachemiras para minha mulher!

Valentin — (Credito) (Affectando leveviandade) Já sabia que eu estava para casar!

Victor — Não! Theo não m'o disse... Por que?

Valentin — Por nada... E... quem é este tal Berthoud?

Victor — Um animal d'uns 50 annos, ar importante; um homem que se tem em conta de serio!

Valentin — Onde mora...?

Victor — Na rua de Sant'Anna... Chama porque me faz essa pergunta?

Valentin — (Reprimindo um movimento) Ah! e porque tenho alguém que o conhece e poderia gallar - The...

Victor — (Vivamente) Não consinto...! entendo que só lhe sou devedor d'algum dinheiro.

Valentin — Bem, Dionysio, mas eu sou hoje menos pobre do que fui, e se me permite...

Victor — Não! agradeço! não quero com R^{ta}.
sa alguma! Tenho um negocio em projecto
e confio que o seu bom resultado ha de dessem-
penhar-me.

Valentim — Não me atrevo a insistir!...

Victor — No entanto, a minha sangue-
suga^{ra} persegue-me por algumas letras que
não tenho podido pagar, e o que me afflige
é que podem perseguir também esta hon-
rada costureira que mora lá em cima, por-
que um dia que ella estava trabalhando
em casa foi-me preciso dinheiro, e Berthoud
exigiu uma segunda assignatura, fosse
qual fosse; ella offereceu a sua, e eu com-
metti o erro, o grande erro de accedê-la!...

Valentim — (Que pensava, à parte) O meu futu-
ro sogro sempre tem uma industria bem
vulgar!...

Victor — (A si mesmo) Ah! o dinheiro! foi a
melhor. cousa que o diabo inventou para
dar cabo da vida!

Valentim — (A si mesmo) Apesar de tudo,
Therese é encantadora! E não é comopae
quedem me caso. (Alto) Enfim, meu caro diabolico, pon-
do de parte a tal sanguessuga, sois feliz?

Victor — (Revoltando-se) Se sou feliz! no
canto da minha casa! junto d'uma mu-
lher como Suzanna! ah! ignora o que é o
amor conjugal!

Valentim — Credito! o seu exemplo
animou-me a fazer outro tanto.

Victor — (Chamando-se) Graças á mulher
de quem sou amado, desafio o homem mais
bello, mais poderoso, mais cheio de gloria,
que seja feliz como eu!... Ah! Não ha

28. nada que possa exprimir a ternura, a
dedicação, o thesouro d'alma que encontro
Desejo-lhe uma felicidade igual a mi-
nha; mas, desafio-o se for capaz d'en-
contrar uma felicidade maior.

Valentim — Desejo que possas o não
plus ultra da felicidade! espero to-
davia poder fallar um dia como
o meu amigo, quando me visitarem
hão de achar-me gozando os encan-
tos d'uma mulher adoravel, de quem eu
hei de ser o primeiro amor!

Luiza — (Que tem reaparecido à esquerda, com o ar
inquieta, sobresaltando-se com as ultimas palavras) Ah!... (Vic-
tor volta-se) Perdão...

Scena 3.^a

Os mesmos, Luiza.

Victor — És tu, Luiza?

Luiza — (Babucando) Sou, venho buscar
este chaile para a comadre que está
trabalhando no meu quarto... (Pega no chaile).

Victor — (Observando-a attentamente) Vae, minha
amiga, vae, e não penses em coisa alguma
que possa affligir-te, ouves.... (acompanha-a até
à porta da esquerda)

Valentim — (C' parte, vendo Luiza afastar-se) Co-
mo está perturbada!... (Luiza sai).

Scena 4.^a

Victor e Valentim. 29

Victor — (Depois d'algum silencio) Sois um bello rapaz, meu caro Valentim, espero que vireis ver-nos outra vez...

Valentim — Certamente. (A parte) Nunca mais!

Victor — (Continuando) Reporou na emoção de minha mulher a essa expressão de primeiro amor que o acaso lhe fez ouvir...

Sois bem! d'aqui em diante quando conversar diante d'ella, (Theo sabe isto, e eu fallo ao meu amigo como a elle proprio) nunca pronuncie essa expressao, nem faça allusão ao que ella exprime... Não, meu amigo, não sou o primeiro amor de minha mulher...

Valentim — Mas eu não quero saber...

Victor — Não quero, que supponha outra cousa senão a verdade. Quando comecei a conhecer Luiza habitava eu em uma aqua-furtada onde fazia sozinho as minhas primeiras experiencias. Um dia notei rebentou uma das minhas fôrmalhas, e estava prestes a ser asphyxiado. Luiza, que trabalhava do lado, correu para me salvar... Fiquei doente, e ella tratou-me... A explosão tinha-me arruinado e durante a minha convalescencia faltaram-me os meios de subsistencia... ella sustentou-me com o producto do seu delicado trabalho, e eu aceitei, porque, seguro do meu futuro, tinha decidido já offerecer-lhe o meu nome e o meu coração... Quando lh'o annunciei ella cahio de fôrmos a meus pés... Não

sou digna de vós, disse-me ella, esqueci-me!...» Consenti que ella se conservasse de olhos para a deizer dizer tudo, e reconheci que ella tinha commettido a falta de amar e de acreditar, em quanto que uma outra pessoa tinha commettido a infamia de mentir e de a abandonar.

Valentim — (Faz um movimento, depois contem-se e baixa a cabeça dizendo:) E depois...?

Victor — E depois, quiz saber se era amado... consultei as minhas forças, e erqui minha mulher... Depois d'isto, nunca mais se disse entre nós uma unica palavra a respeito do passado: enobrecei minha, ella fez-me feliz, e fui a-hei participar da consideração que me devem, e que ella me ajudou a conquistar. (Pausa — Valentim vae para fallar e pisa) Está admirado da minha confidencia?

Valentim — É filha d'uma confiança que muito me honra...

Victor — É do meu casamento que se admira?... Todavia sois um homem bom!

Valentim — Nessa conta me tenho...

Victor — Pois bem, diga-me se me estimas agora tanto, como me estimava antes da revelação que lhe fiz?...?

Valentim — Ainda muito mais...

Victor — Approva então o meu procedimento...

Valentim — Inclino-me perante a sua coragem... pois na verdade... é preciso tê-la...

Victor — Bem o sei... mas a mim 31
não me falta coragem.

Valentim — E não temeu a opinião
do publico...

Victor — (Simplesmente) Sou o homem mais
honesto que conheço... e a vida não
tem situações diffíceis para o homem
de bem; pois é sempre o mesmo!... e o
seu dever e a sua força o acompanham
para toda a parte!...

Valentim — Isso é verdade!... Mas
há sempre... (Para)

Victor — Acabe!... Que pode o meu
amigo pensar que eu não dissesse a
nada mesmo!... Há sempre no passa-
do... um homem... ali de mim! sim!...
mas se é um homem de honra, é para
mim como se não existisse já... pois nem
eu nem o mundo o conheceremos nunca...
Se é um homem que despreza a honra,
é ainda como se não existisse, pois previ
o caso da mais ligeira indiscrição, e dis-
puz-me para um duello, certo de que
o meu adversario havia de pagar-me
caro o seu atrevimento.

Valentim — Seria um procedimen-
to brutal!...

Victor — E como qualificariéis a indis-
crição?... Absolve-se facilmente quem
mata em duello o que insulta uma
mulher... havia de ser então contra
mim a opinião publica se se tratasse
da mãe de meu filho!...

Valentim — Meu caro Victor, não
teria sem duvida a sua coragem, mas
admiro-a sinceramente.

32 Victor — (Sorrindo-se) Não lhe peço tanto; comprehenda unicamente o sentimento de providencia que me fez confiar-lhe estas cousas, e não falle-mos mais n'isto. (Dá-lhe a mão)

Valentim — (A' parte, depois de a ter apertado) É uma lição que veste buscar, Valentim!...

Victor — (Olhando para o seu relógio) Cinco horas!... tenho ainda voltas a dar antes de jantar...

Valentim — Não se incomode... descanse ambos... e queira apresentar as minhas desculpas a' senhora...

Victor — Como queira...

Valentim — Vamos!...

Victor — (Gritando à porta do quarto da esquerda) Vamos sair, Luiza!... não te incomodes... (Saem pelo fundo, conversando. Luiza entra pela esquerda)

Escola Superior de Teatro e Cinema
Cena 7.^a

Luiza, depois Rosa.

Luiza — (Inquieta, consigo mesmo) Partiram!... juntos!...

Rosa — (Entrando pela esquerda) O que tem, senhora Luiza? parece estar inquieta.

Luiza — Um pouco preocupada!... minha querida Rosinha.

Rosa — Posso ser-lhe útil em alguma coisa?...

Luiza — (Indo à janella) Não, não, agradeço!... (Olhando para fora) Ah! Separaram-se e apertaram as mãos... respiro...

Rosa — Bem! volto para minha ca. 33
sa.

Luíza — Espere um pouco, fante
com nosco...

Rosa — Para o seu marido se divertir
à minha custa, conforme o seu costu-
me; não quero...

Luíza — Ora! isso é por brinca-
deira, não é com intenção de a escanda-
lizar...

Rosa — Bem sei! e eu estimo muito
o seu marido; e sinto verdadeira satisfa-
ção em ser testemunha da boa har-
monia em que vivem.

Luíza — Faça então o mesmo que
nós fizemos, case-se também!...

Rosa — Veremos! Isso depende do fu-
turo. O meu amor anda viajando.

Luíza — Ainda viajando? há
tanto tempo!

Rosa — Isso não quer dizer nada...
Elle voltará. Ah! menina! é verdade
que há occasiões em que o acuso, e des-
creio d'elle; juro então esquecê-lo, e es-
queço-o, e não penso absolutamente mais
n'elle! — durantes horas inteiras! e depois
bate-me de repente o coração e conheço
que estou mais amorosa que nunca!
O que quer, minha comadre! estas cousas
são mais fortes que nós! e se me vê alegre,
e me ouve cantar algumas vezes, é por
que estou sempre cheia de esperança,
de pensamentos agradáveis, de bons
presentimentos, e que tudo isto can-
ta no meu coração como um ninho
de passaros!... (Barando) Sou uma tagarela.

34. *Luiza* — Não é assim...? Co meu trabalho!
Rosa — Tem muito que fazer...
Luiza — Tenho apenas isto...
Rosa — E é com muita pressa?
Rosa — Ora essa! um vestido de nupcias! E antes d'este tive um outro para a baroneza Stevens, que dá um baile amanhã.
Luiza — É verdade, e parece-me que Victor foi convidado...
Rosa — Se domingo estiver um dia bonito, hei de ir passear com a minha afilhada, para elle estudar a sua capincha... até amanhã, minha comadre, vou para os meus aposentos.
Luiza — Até amanhã! (Rosa sai pelo fundo — ouvem-na cantarolar navescada)

Scena 8.^a

Luiza, depois Valentim.

Luiza — (So) Amando e trabalhando, esperando e cantando! Bem diz Victor: que não ha uma costureira como esta... Ella não tem tudo o que deseja, mas ao mesmo tempo é feliz! E eu também o sou...

Valentim — (Entrando pelo fundo) *Luiza*...

Luiza — (Assustada) O Senhor, por aqui outra vez!

Valentim — Poco perdoado, e escute-me.

Luiza — Não, senhor, não quero ou-

vil-o...

Valentim — Minha senhora! venho com o mais profundo respeito fallar-lhe acerca de seu marido...

Luiza — De meu marido?...

Valentim — Elle vê-se collocado n'uma situação difficil... ha pouco, quando sciamos, entregaram-lhe alguns papeis selados. Elle recusa obstinadamente o meu auxilio; e' preciso que a senhora o decida, e que me considere como um velho amigo para...

Luiza — Para accitar-vos semelhantes servicos? Nunca, senhor, e' impossivel! estao loucos...

Valentim — Porém, minha senhora...

Luiza — Senhor, meu marido não tarda; se o encontrar aqui, a sua presença e a minha emoção perdem-me...

Valentim — Como!...

Luiza — (Animando-se) Ahaco para mim d'uma maneira singular, e... acabou de ver meu marido... mas não o reconheço: e' extremamente cioso. (Escutando) Ah!... ouço a sua voz... sobre... vil-o!... Estou perdida!...

Valentim — Oh! meu Deus, mas eu saio...

Luiza — Encontra-se com elle na escada!...

Valentim — (Fido d'uma ideia, consigo mesmo) Ah! esta costureira co' de cima perseguida como elles!... eu me entenderei com

36 ella... (Correndo para o fundo) Adeus, minha se-
nhora! (Desaparece pelo fundo, deixando a porta aberta.)

Scena 9ª

Luiza, depois Théo, depois Vic-
tor, e depois Jonas.

Luiza — Ah! falta-me o ar... eu
que vivia tam socgada, soffrer ago-
ra estas emoções... tremo que a desgra-
ça entrasse aqui com este Valentin!

Théo — (Parando á entrada da porta com o ar estu-
pefacto) Que vi eu! será illusão minha! ou
é Valentin, esse senhor que vi sair
d'aqui e que sobe os degraus da es-
cada a quatro e quatro...

Victor — (Entrando depois de Théo) Como! não
está ainda porta a mesa?!

Luiza — Perdão, meu amigo, é' que...
(Victor aproxima-se d'ella... elles continuam em voz baixa)

Théo — Eu vou pôr a mesa! sei ou-
de estão as toalhas... (Vae buscar uma toalha á
garrafa)

Victor — (A Luiza) É Théo que morre
de fome!

Luiza — Em um momento está tu-
do prompto e vamos jantar meu ami-
go. (Sae pela esquerda)

Victor — Eu vou á minha adega!
(Sae pela direita)

Théo — (Só, com a toalha na mão, olhando para a
saída, que sae) A Luizinha parecia estar
muito perturbada... e Valentin que sem-

pre recusava vir cá... aqui anda marcos. 3.^a
ca... diabo!...

Jonas — (Entrando pelo fundo) Onde está o meu
Valentim?... ha uma hora que o espero...
(Vendo o doutor) Oh! está cá o doutor!...

Théo — Quem procura?

Jonas — Valentim!

Théo — Caluda! (A parte) Era elle. (Alto)
Não está cá!

Jonas — Todavia, doutor...

Théo — O que viria elle cá fazer?

Jonas — Recordar-se do seu passa-
do... ler de novo as paginas do livro
d'ouro...

Théo — Caluda! mancebo, vá-se em-
bora!...

Jonas — Mas estou certo que Valen-
tim...

Théo — Caluda! (A parte) Eu te faço
já dar as canellas. (Alto) Não sabe onde
está?...
Escola Superior de Teatro e Cinema

Jonas — Não!

Théo — Pois saba que está em casa
d'um doente a quem eu trato.

Jonas — Vem doente!

Théo — Furioso!

Jonas — Furioso!... (Nesta occasião ouve-se a brui-
ta d'uma garrafa que se quebra.)

Victor — (Fria) Oh! sou um descaído!...

Théo — Ouve o... é um accessão... demore-
se... ajude-me a contel-o...

Jonas — (Espantado) Oh!... (Foge pelo fundo).

Théo — Não se vá embora!... (Ouve-se Jonas
correr pela escada abaixo. Théo fecha a porta, dizendo) Desce
a toda a pressa!...

38 Victor — (Tomando a entrar assim como Lúiza)
Então que temos de novo?... (Tráz um cesto com
garrafas que põe à direita).

Théo — Era um individuo que per-
guntava se murava aqui um tal
Barbiés, que não tenho a honra de
conhecer. Mas vamos ao que importa;
meus filhos, ponhamos a mesa... (Ch'parte)
Ch! hei de certificar-me.

Lúiza — Já lá tem a toalha...

Théo — Sim! e vamos todos tres a es-
ta tarefa... (Põe a mesa — a orchestra toca)

Instituto Politécnico de Lisboa

(Bae o piano)

Acto Treceiro

A habitação de Rosa, com o seu terraço, no ultimo an-
dar d'uma casa da rua de Bucy. — Ch' direita, o
interior da casa, patente ao espectador: uma al-
cova ao fundo; a porta d'entrada à esquerda
da alcova; no primeiro plano, à direita, uma
porta mais pequena; mobiliu muito simples,
mas nova, polido, e de gosto; fogão entre a al-
cova e a porta do fundo; à esquerda uma jan-
nella sacada que dá entrada para o terraço, e
toda aberta ao levantar do piano, e um vestí-
do branco estendido em cima d'uma cadeira ao lado

da janella; o terraço tendo pouco mais ou menos o com- 39
primento do quarto e cercado d'uma balustrada, até
a' extremidade do telhado. Passos com flores, varios pés
de trepadeiras com flores amarellas, duas cadeiras, uma
mesa de costura e um banguinho. Por cima da
janella está uma gaiola pendurada e está abes-
ta e vê-se dentro um passarinho. Na extrema esquer-
da do publico e além da casa, vêem-se telha-
dos, paredes e chaminés; e no extremo do mesmo
lado, a torre da igreja de S. Germano.

Scena Primeira

Rosa — (Só, assentada no terraço, trabalhando e canta-
rolando — Valentin entra pela porta do fundo e pára a escurar)

Valentin — A chave na porta, uma
voz que canta, é aqui! é esta a minha anti-
ga ~~agua~~ - furtada!... Isto commove-me!
Esportava em como ouvi já aquella voz!...

(Caminhando com cautela) e admirado aquella
formosa creatura? (Continuando a andar) Não ha
duvida, é Rosa, essa encantadora pe-
quena, a quem fugi... Ah! eis uma recor-
dação que eu não procurava! É verdade
que é a mais innocente de todas ellas!
Como é engraçada! e tornar a encon-
trar esta feiticeira na minha antiga
agua-furtada, é ainda mais engraçado!...

(Rosa levanta-se, olha e reconhecendo Valentin, quer correr para elle, en-
tra no quarto, combalida, e cae assentada, suffocada e murmurando:)

Rosa — Valentin!

Valentin — (Junto d'ella e sustentando-a) Rosa!...

Rosa — (Chorando e rindo ao mesmo tempo) Ah! meu
Deus!... sois vós! já o sabia!... porém... não! Veixe

me chorar um pouco... Mas eu estou louca!
Não é assim?... visto que o esperava...

Valentim — (empugando as lágrimas) Pois que,
Rosinha! tantas lágrimas! amas-me pois até
esse ponto, minha filha!...

Rosa — Se o amo!... Assente-se, meu
amigo!... (Elle toma uma cadeira no quarto e vai para as-
sentar-se, mas ella detém-o) Esta cadeira, não! (Elle vai
buscar uma outra cadeira, que está defronte da sua cama, e que tem
atada uma fitinha) Esta, era a sua, nunca servio
a outra pessoa, entende!

Valentim — Minha querida Rosi-
nha!... (Assenta-se).

Rosa — Descanse agora!... quero contem-
plal-o um pouco!... Diga-me, já fallou
aos seus parentes?...

Valentim — Que parentes?...

Rosa — Ora! os parentes que lhe che-
gam da provincia, e que foi visitar
quando sahio d'aqui para procurar
os seus papais...

Valentim — Que papais?...

Rosa — Os que eram precisos para
o nosso casamento!... Na verdade, parece
que já me não presta attenção... em que
está pensando?...

Valentim — (Sem pouco embaraçado) Na tua
teima, em não queres tratar-me por "tu"!...

Rosa — Trato-o por "tu", quando estou
só... na sua presença bem descejava dar-
lhe este tratamento, mas contenho-me!... só
o tratarei por "tu", ao sahir da igreja!...

(Bainhando os olhos) Estará próximo esse ditoso
dia?...

Valentim — (Mesmo jogo) E... tu estás aqui

bem?... 41

Rosa — (Conduzindo-o ao terraco.) Estou... O sol faz-me longas visitas, gozo uma linda vista, tenho aqui perto a igreja de S. Germano, onde vou rezar as minhas orações, respiro um ar puro, desfructo estas flores...

Valentim — Um grande numero de romances...

Rosa — Um tentilhão n'aquella gaiola, que canta como um roupinol...

Valentim — E que está aberta...

Rosa — Sempre... Eu não prendo ninguém... pôde ir-se embora quando quizer, do mesmo modo que Valentim; se não voltar, é porque já me não ama; em quanto a Valentim, esse...

Valentim — Não sabes uma coisa, Rosinha... Já morei n'esta casa...

Rosa — Apraz-me isso muito...

Valentim — (Indicando o interior do quarto) Aqui era a minha sala... alli o meu gabinete... (Mostrando o terraco) Este, o meu parque... E acolá, debaixo das biqueiras, havia um ninho de andorinhas... (Alhando) Lá está de le... Pobres animaesinhos... (Endireitando-se) Torno-me a encontrar hoje com as minhas andorinhas...

Rosa — (Mostrando a gaiola) Um tentilhão.

Valentim — É a mais encantadora toutinegra...

Rosa — Onde está...?

Valentim — (Atracando-os vivamente) Aqui, Rosa...

Rosa — (Perturbada e fechando os olhos) Ah...

Valentim — Como... Fiz-te algum mal?

42 Rosa — Sim! não!... não sei...

Valentim — (Rindo) Dize-me, tens vontade de comer?... jantas, ou cêas... alguma coisa?... eu não jantei, e comia agora com a melhor vontade!...

Rosa — Sois um máo, por não ter dito isso ha mais tempo!... eu tambem sinto algum appetite, mas apenas tenho café...

Valentim — Café!...

Rosa — Perdoão, meu amigo, é'a minha unica golodice... e' o meu acepipe predilecto; e depois passo muitas noites!... Mas espere um pouco, vou sair a buscar alguma coisa para comer-mos!... (Vae para o quarto).

Valentim — (Seguindo-a) Devo consentir-o! Não... espera, espera, eu vou... (Bega no chá-fen e vae para sair, quando chega á porta, chama-o Rosa)

Rosa — Valentim!...

Valentim — Rosa!...

Rosa — Não esteja dois annos sem voltar!...

Valentim — Ah! má!... tens então muita fome!... (Vae pelo fundo).

Scena 2.^a

Rosa, depois Theresa, e Rigandard.

Rosa — (Dá, no quarto) Não! não tenho fome! sou muitissimo feliz! Ah! meu Deus! todo o meu receio é de ficar outra

vez sózinha! Estaria eu sonhando!... Porém, 43
não! sonhei algumas vezes que Valentim
me abraçava, mas não era como ainda
agora... (Batem fora). Entre!

Theresa — (Entrando pelo fundo) — Sou eu.
(Rigandard entra).

Rosa — (Saudando) Menina Berthoud, meu
Senhor... (Dá uma cadeira a Theresa, que se assenta)

Rigandard — Minha senhora,
tenho a honra de a cumprimentar! A
sua escada é muito escura! Quando eu
subia, ia descendo um indivíduo com
tal precipitação, que por um triz não
atirou comigo pela escada abaixo! Ti-
nha saído de sua casa?

Theresa — O que tem o tio com isso?

Rigandard — Mas...

Theresa — Vamos ao que nos in-
teressa... (A Rosa) Minha menina, ama-
nha é que eu devio vir provar o meu
vestido de casamento, mas como vou para
Amiens, venho esta tarde, acompanhada
de meu tio...

Rosa — O vestido não está ainda acabado,
minha senhora; contudo, está bastante adian-
tado e pode provar-o.

Rigandard — (A parte — não cessa de olhar para
Rosa) Berthoud tinha razão, esta costureira
é realmente linda!

Theresa — Meu querido tio!

Rigandard — O que queres, minha que-
rida sobrinha?

Theresa — (Mostrando uma portinha à direita) Faz
favor d'entrar para aquella casa, em quan-

to provo o meu vestido.

Rosa — Ah! é um armário, minha senhora, e o senhor quer ter a bondade de ir para o terraço?...?

Rigandard — (Do pé do toucador de Rosa, destapando um vidro d'agua de Colonia) Bravo! que excellente agua de Colonia, que tem a costureira!... (Deita uma gotta no seu lenço.)

Theresa — (Revoltando-se) Vamos, meu tio!

Rigandard — Ah! suas ordens! querida sobrinha... (Bassa para o terraço, Rosa fecha a janella)

Rosa — A senhaa vem muito bem aromatizada!

Theresa — Não! não sou eu: é meu tio, que é uma verdadeira perfumaria!

Rigandard — (No terraço, decendendo o charuto) Esta costureirinha é linda! mesmo linda! lembra-me uma certa caipira...

Escola Superior de Teatro e Cinema

Scena 3^a

Os mesmos, e Jonas.

(No momento em que Theresa se dispunha para provar o vestido, Jonas abre bruscamente a porta do fundo, dizendo:)

Jonas — Deve ser aqui!

Rosa e Theresa — (Assustadas) Ah! é alguém!... o senhor!...

Jonas — (A parte) A futura de Valentin!... Meu Deus! como é linda!... (Alto) Minhas senhoras...

Rosa — (Mostrando a Jonas o vestido de Theresa) Senhor! repare que esta menina vai pro-

var este vestido, e por conseguinte tenha a 45.
bondade de se retirar...

Theresa — Ah! é o senhor Jonas! O
que quer?

Jonas — (Recuando) Eu... queria... meu Deus!
Credite que se eu quisesse... (A parte) Que
lindos olhos!... (Alto) Eu procurava... o Ruyem-
bourg...

Rosa — (Tendo ainda nas mãos o vestido, que Jonas toma)
Não quer mais nada? Então boa tarde,
não mora aqui quem o senhor procura.

Jonas — (Continuando a recuar, com o vestido nas mãos)
Sim, boa tarde, minhas senhoras; peço per-
dão... (A parte) A outra também é encantado-
ra!... (Alto) Aos seus pés, minhas senhoras...

Rosa — (indo para Jonas) Então que é isso!
leva o vestido?

Jonas — (Entregando o vestido e dirigindo-se para a por-
ta todo atrapalhado) Ah! foi sem má intenção! (A
parte) Onde estará Valentim? (Alto, saindo)
Boa tarde, minhas senhoras... (Tornando a entrar
bruscamente, à parte) Ah! que lindos olhos!...

Rosa e Theresa — Outra vez, se-
nhor! que imprudencia!... (Rosa empurra Jonas
e fecha a porta do fundo)

Scena 4ª

Os mesmos, menos Jonas.

Theresa — Então que lhe parece a
sem cerimonia d'este senhor?

Rosa — Elle conhece-a?...

46 Theresa — É um amigo do meu futuro! (Continuam a fallar em voz baixa).

Rigandard — (No terraco) Dizerem que esta agua-furtada é o asylo da innocencia... custa-me a acreditar... Esta Rosinha Rousseau... mas Barthoud confiou-me uma lettra endossada por ella... bem! está feito o meu plano.

Theresa — Bem! Sinto-me um pouco incommodada, e não estou agora disposta a provar o vestido; cá voltarei outro dia. Faz favor de chamar meu tio?

Rosa — (Abrindo a janella) Pode vir, senhor Rigandard. (Rigandard sai do terraco).

Theresa — Venha, querido tio, e partamos de pressa.

Rigandard — (Com o lenço na mão) Partamos! (A Rosa) Minha senhora, agradeço-lhe muito a sua agua de Colonia... é pura... conheço duzentas e dezoito especies d'agua de Colonia; de todas tenho feito uso; mas, posso fiar-lhe que a sua é a mais pura que conheço... (Baixo) A senhora assignou uma lettra de trezentos francos...

Rosa — (No mesmo tom) Sim, senhor, mas...

Rigandard — (Baixo) Caluda! Isto vale mais que a vida! trata-se da honra... Volto n'um momento.

Theresa — Então vamos? o tio sempre é muito maçador!

Rigandard — Vamos, minha querida sobrinha... (Saudando) Minha senhora.

Theresa — Adeus, menina.

Rosa — (Acompanhando-a até à porta) Minha
senhora... meu senhor... (Theresa é a primeira a sair
pelo fundo).

Rigandard — (C' saída da porta) Trata-
se da honra! (Sae pelo fundo)

Scena 3^a

Rosa — (Vò, voltando) Ah! quanto este
homem é aborrecido! E todavia, trata-se
d'essa letra que tantos cuidados me dá,
sem queouse dizel-o ao senhor Diony-
sio... mas para que estou eu a mortificar-
me? Eu me descartarei d'este senhor... Se
senhor Valentim demora-se tanto...! Em quan-
to não vem, vamos fiondo a mesa... (Ella
tira tudo o que precisa do armario da direita, e, indo ao terraco, tira
tudo o que está em cima da sua mesa de trabalho, e começa a pre-
parar-a para a comida.)

Scena 4^a

Rosa, Valentim, (Entrando pelo
fundo, carregado de provisões)

Valentim — (Indo para o terraco) Aqui ve-
nho, minha queridinha, carregado como
um burro!

Rosa — (Tomando-lhe das mãos um embrulho) O que é
isto?

Valentim — É uma empada que ven-
te... por causa d'ella é que me demorei.

48 tanto, estive a' espera que a aquecessem.
(A medida que vae fallando vae tirando das algibiras) Pão de
bico, geléa d'alperce, quatro especies de
fructas secas, etc. (Põe tudo em cima da mesa)

Rosa — Pobre Valentim! que encom-
modo que teue! faz-lhe mal trabalhar
tanto!

Valentim — Qual! isto faz-me re-
mocar.

Rosa — Ora, vejim como está velho!
(Dive-se bater).

Valentim — Dize antes, Rosa, que
batem a' porta!

Rosa — (Bassando à direita) Bem sei quem
é: ha de ser um sujeito que é paren-
te d'uma das minhas frequentas... é con-
veniente que o não veja por causa da
minha reputação... vá até ao terraço.

Valentim — Mas...

Rosa — É verdade que posso apresen-
tal-o como meu futuro...

Valentim — (Com vivacidade) Não, não!
ainda não; mas...

Rosa — Pois bem... seja! Vamos! vá pa-
ra o jardim. (Elle passa para o quarto, fecha a janella e
vae abrir a porta do fundo — Rigandard entra.)

Scena 7a

Valentim, (No terraço) Rigandard

e Rosa.

Rigandard — Sou eu, minha fi-

cha.

Rosa — Sou eu tambem, meu senhor...

Rigandard — (Bonda-se a gesto para a ver bem) Quanto sois linda, minha menina!

Rosa — Senhor Rigandard, falle-mos do negocio que aqui o trouxe.

Valentim — (c' parte) Conheço aquella voz!...

Rigandard — (Tirando uma letra da sua carteira) Pois bem! minha querida filha, um dos meus parentes, a quem foi passada esta letra, entregou-m'a como dinheiro: sei que elle vos fez a corte: e' um immoral! Elle não duvida mesmo ameaçar com este papel a sua innocencia e os moveis da sua casa: e' uma ave de rapina!... eu, porém, querida menina não o vou... C'qui tem esta letra e em paga d'ella só lhe peço o seu reconhecimento!...

Valentim — (c' parte) Eis ali uma generosidade que cheira muito a uauca! (Respirando) Mas isto cheira-me ainda a outra coisa!...

Rosa — Confesso-lhe... senhor Rigandard, que não o comprehendo; não sei o que que reis dizer com essas palavras.

Rigandard — (c' parte) E' simplicia! Signal d'alta virtude! isto exalta-me!... (alto) O reconhecimento, querida menina, e'... a affeição do coração!

Rosa — E' então a importancia d'esta letra?

Rigandard — (Sem pouco admirado) Nunca mais fallaremos n'isso.

Rosa — Porque?

Rigandard — Porque dar-me hei.

por pago e satisfeito.

Valentim — (Esentando, à parte) Agradece-me a boa vontade que tenho de te arrumar um par de sócos... se eu o possesse ver. (Espreita)

Rosa — Mas eu não tenho dinheiro! e o tivesse já tinha pago.

Rigandard — Sem coisa melhor que dinheiro...

Rosa — Ora essa! julga então que tenho foias ou propriedades!

Rigandard — (À parte) É uma tola, e ao mesmo tempo, um duplo!

Valentim — (À parte) O pedante volta-me as costas! Esperei... como elle vem todo aromatizado...

Rigandard — A menina não me comprehende...

Rosa — Talvez; porem guarde o senhor a sua letra; porque, n'esta occasião, não tenho dinheiro para a pagar...

Valentim — (À parte) Ah! é Rigandard! e eu aqui! se elle me vê, vai dizê-lo a Theresa! cautela com o meu casamento...

Rigandard — (Indo buscar uma cadeira) E se, apesar da sua repugnancia, eu deipasse ficar esta letra? (Vae para sentar-se)

Rosa — (Puxando a cadeira e collocando-a à esquerda)iria entregal-a à autoridade competente... pois vejo que o senhor não comprehende: ainda que a letra estivesse aqui dez annos, nunca seria paga!

Rigandard — (Hallucinando e encolerizando-se) Minha menina... uma letra de cambio é um negocio sagrado! Trata-se da honra! e a menina offende-a... Não é um procedi-

mento delicado!... (Valentim faz um gesto d'admiração) 31
Rosa — Senhor... (Mostra-lhe a porta do fundo)
Rigandard — Muito bem... (Abre
pela porta) a justiça fará o seu dever. É
a menina que assim o quer... (Sae pelo
fundo)

Rosa — (cd' porta) Acontece-se senão
Rigandard que a escada n'este an-
dar é muito escura...

Rigandard — (Fora) Agradeço-
lhe muito a sua advertencia, minha
menina!... (Rosa fecha a porta, indo).

Valentim — (cd' parte) Excelente rapariga!...
ora o diabo! fico sabendo que o tio da mi-
nha futura é um famoso velhaco... (Uma pe-
quena pausa) Mas que importa isso? não é com
elle que eu me caso... (Rosa reaparece).

Scena 5.^a

Valentim e Rosa.

Rosa — (Indo abrir a janella) Agora vamos tra-
tar de cou... se alguém bater a' porta, não
a abra, pue aborrecida creatura!

Valentim — (Que entrou no quarto) Minha
querida! escutei a sua conferencia...

Rosa — Sim?! pois representou um bo-
nito papel...

Valentim — Dê-me o protesto d'essa
letra... amanhã hei de ir a casa do
juiz terminar esta questão... (cd' parte) E o negocio
de Dionysio! (alto) permite-m o?

Rosa — (Dando a Valentim um papel que tira d'um cofezinho,
que está em cima do fogão.) Com a maior satisfação...

32 *Valentim* — (À parte, olhando-a de lado) É encantadora! (Abraça-a — Alto) Obrigada, Rosa!

Rosa — Outra vez! De modo que se vão repetindo muito os taes abraços...

Valentim — Então que mal faz isto?

Rosa — Nenhum, absolutamente... e vou também habituar-me a fazer o mesmo!

Vamos! vamos saborear o nosso banquete!

Valentim — Vamos a isso...! (Quitando) Ah! lá! me esqueceu o vinho!

Rosa — Que estouvado! beberemos agua!

Valentim — Agua... agua... é muito descorada!

Rosa — Então, beberemos café; acabei ha pouco de o moer!

Valentim — Pois venha lá o tal café! ainda que me parece ser coisa um pouco original! café em lugar de vinho...

Rosa — É muito bom! Mas é preciso que ninguém padeca hoje necessidade n'esta casa. (Ella vai buscar ao seu quarto um jarro com agua, e dá-o a Valentim) Aqui tem, faça favor de ir regar as minhas flores!

Valentim — Gostas muito de flores?

Rosa — Quem é que não gosta de flores! e diga-me porque motivo, quando estava tratando d'ellas, pensava sempre em vós? e porque motivo não sabendo por onde o senhor andava viajando... lhe fazia ramalhetes?... Ah! é porque entre namorados, ha cousas tam doces a dizer que a palavra não basta... O bom Deus previo isto, e inventou as flores... contaram-me que no Oriente ha um paiz, onde abundam as flores,

e onde os habitantes são tam ternos... todos 53.
alli são felizes! (Barando de repente) Mas quiza
regar as minhas flores, e mande-me ca-
sar!

Valentim — Pára, pára, minha
toastinegra! (es' parte, passando para o terraco) Se ella sou-
besse que eu estou para casar! (Para dian-
te da balaustrada do terraco) Ha muito tempo que
não vejo Paris de tam alto! Aqui, ainda
é dia; e lá em baixo, já se illuminam
as lojas, as costureiras largam o seu traba-
lho, e a estrella do pastor brilha pa-
ra os namorados; é a hora do repouso,
é noite!...

Rosa — (Indo ao terraco e pondo em cima da mesa
o café e duas chávenas) Para á mesa, senhor via-
jante!

Valentim — Para a mesa, flórsi-
nha dos telhados! (Põe-se á mesa. — Ouve-se sons
de guitarra.) O que é isto?

Rosa — É um estudante que chama
uma menina que conhece... é o seu sig-
nal.

Valentim — Que sejam felizes como
nós somos!

Rosa — (Bomendo) Que bellas empada!

Valentim — (Bebendo) Que excellente
café!... triumphas! viva o café!

Rosa — (Que não cessa de o olhar com amor) Não é
tam bom?

Valentim — Sim, menina! mas bai-
xe os olhos, que me estão encomodando,
e não me deixam comer! (Vae esvazendo. —
Ouve-se uma trompa de caçador tocar uma aria.)

Rosa — (Pindo) Ah! ah! já lhe tarda!

Valentim — Como? Sabes quem está

54 tocando a trompa?

Rosa — Se sei, é uma menina que mora aqui de frente, uma lourinha, que quando está á espera do seu amor, entretem-se a tocar diversos arias n'aquelle instrumento: é muito forte nas arias!

Valentim — Deve ter uma linda boquinha!... (Aproximando-se) Então, minha queridinha, ainda me amas?

Rosa — (Olegicamente) Ainda!

Valentim — Há dois annos que me esperavas?

Rosa — (No mesmo tom) É verdade, meu Deus!

Valentim — E tiveste tanta paciência!...

Rosa — (No mesmo tom) Por isso que o amo...

Valentim — Estou certo d'isso, por em aquelles bonitos milagres!...

Rosa — (Afflicta) Ah! Valentim, estás hoje muito máo!

Valentim — Não! não! isto é brincadeira... mas a fallar a verdade... tão jovem! tão bonita! em Paris!... quanto ganhas por dia?...

Rosa — Um franco...

Valentim — Então desejavas possuir também vestidos iguaes áquelles que fazes?

Rosa — Se desejava!

Valentim — Então gostavas de ir passear de carruagem?

Rosa — Certamente!

Valentim — E de ir ao theatro e ao baile?

Rosa — Sem duvida!... mas... a que

horas havia de eu então trabalhar?

55

Valentim — (Olhando-a, à parte) É a própria inocência! (Alto) Conheço muitas mulheres que não frouxam meio algum para que as achem formosas... que recorrem a' affectação e a' mentira, e que não são capazes de produzir já mais a emoção que se sente ao contemplar a tua fronte pura e o teu alegre sorriso! — Rosa, emudeceste! não me ouves?

Rosa — Não, estou... o contemplando... e isto me satisfaz.

Valentim — (à parte) Nunca terei a coragem de lhe dizer que estou para casar.

Rosa — O que está dizendo consigo mesmo? Diga-me, já não tenho direito de o escutar?

Valentim — Digo que ei' encantado por ti e que te amo, e está dito tudo... Não, não é tudo! (Ella aproxima-se) Amo-te...

Rosa — (Em voz baixa) Ah! Valentim! (Durante o que precede, a noite tornou-se densa — O interior da casa está inteiramente às escuras — O silencio é completo, e os sinos, tocando suavemente, substituem todos os sons precedentes. — Escutando) Ouve os sinos? Parece que amanhã é dia de festa! Mas não, é para festejar o regresso da felicidade a esta casa! Tinha esperança que havia de voltar... e como tive razão de ter fé' em vós e n'esse Deus dos fieis amores, que nos está vendo lá' de cima a travessia das estrellas! (Silencio) que bello serão, meu amigo...

Valentim — Basta, Rosa!... perturbas-me... encantas-me... (Olha-a com ternura)

Rosa — (Baixando os olhos, e em um tom supplicante)
Valentim!

Valentim — Rosa!

Rosa — Não olhe para mim d'esse modo! (Levantando-se) Agora, meu amigo, vou fazer-lhe as minhas despedidas.

Valentim — Ah! (Levantando-se, e dizendo a si mesmo em quanto ella vai ao quarto) Sim! ella vai despedir-me!... e é conveniente que me mande embora...

Rosa — (Procurando em cima do fogão) Graças! acabaram-se-me os phosphoros!

Valentim — (Chegremente) Deveras? (Consigo mesmo) E porque estás tu tão contente de se terem acabado os phosphoros? (Vai ao quarto ter com Rosa).

Scena 9.a

Os mesmos, Jonas, (Entrando pelo fundo)

Jonas — (Entrando às apalpadellas e consigo mesmo) Saffa! o meu Valentim está aqui... aposto... como está escuro! (Procura orientar-se)

Valentim — (Estendendo as mãos) Rosa! (Consigo mesmo) Porque motivo me bate o coração com tanta violencia?

Rosa — (Procurando em cima do toucador) Ah! até que achei!... (Ao accender o phosphoro alumia de repente Rosa, Jonas e Valentim. — Rosa accende uma vela)

Jonas e Valentim — (Reconhecendo-se). Jonas! Valentim!

Rosa — (Vendo Jonas) O senhor, outra vez aqui!

Valentim — Com, outra vez! En-

tão tu, Rosa, conheces este senhor?

57

Jonas — Sim, não, quero dizer...

Rosa — Quero dizer, que este senhor veio aqui há pouco, quando eu estava para provar um vestido de uma das minhas frequentas...

Jonas — É tal qual! Vim aqui... sim, na occasião em que a interessante Theresa estava para provar um vestido... mas, ignorava-o! Cth! meu amigo, como é bella a tua futura! que feliz marido que tu vae ser....

Rosa — (c' Jonas) Elle! como... dizem...

Jonas — Que é bella a sua futura! e que feliz marido elle vae...

Valentim — (Vendo Rosa tremula, a Jonas segurando-lhe o braço com força) Cala-te! miseravel! cala-te!

Jonas — (c' parte) Como é isto? trata-me assim....

Rosa — (com uma voz fraca) cth! Valentim, para que voltastes?

Valentim — Rosa, minha filha, se tu soubesses... (Quer abraçá-la, mas ella não consente).

Rosa — Dize-me, meu amigo, retire-se! seja feliz!... mas retire-se quanto antes! (Vae n' uma cadeira baixa e parece resar).

Valentim — (c' parte, olhando a) Pobre menina! que hei de fazer?... que hei de dizer-lhe?...

Jonas — (c' Valentim) Andar a' cata das costureiras! tendo uma noiva tão encantadora!...

Valentim — (c' Jonas, em tom imperioso) Desce! senão afogo-te!...

58

Jonas — (Saudando) Minha senhora (à parte) Esta scena ha de divertir-me por muito tempo! (Vae pelo fundo)

Valentim — (Aproximando-se de Rosa) Estamos só, Rosa, ouve-me !...

Rosa — (Chevantando-se e esforçando-se por fallar com uma voz firme) Adeus, Valentim. Tenho um trabalho para acabar... o vestido de casamento da menina Berthoud... (Dizendo isto, passa para a esquerda).

Valentim — (Aproximando-se) Rosa...

Rosa — (Recuando, com um tom digno) Estou em minha casa.

Valentim — (Depois de ter olhado com dô e ternura) Ah! para que entrei eu aqui? (Vae pelo fundo)

Rosa — (Só, coimdo assentada) Ah! Valentim! Valentim!

(Vae o farruco)

Acto Quarto.

Uma sala do palacio do barão Pélvens. — No centro, ao fundo, um tremó com espelho; de cada lado d'este espelho uma porta com reposteiros; por de traz d'estas portas e d'este espelho vê-se uma segunda sala com lustres e placas; a direita, a porta do quarto da baroneza; a esquerda, uma mesa de fogo, a direita, um sofá; mobilia rica.

Scena Primeira 59

Rosa, um criado e convidados,
do fundo; depois Théo, Valentim e
Jonas.

(Ao levantar do pano, dança-se na sala do fundo. É a ultima
figura d'uma quadrilha).

Rosa — (Saíndo do quarto da direita, a um criado
que entra pelo fundo, á esquerda, trazendo uma bandeja) O se-
nhor!... O senhor!... faz favor de perguntar
á senhora baroneza se já não precisa
da sua costureira?... (O criado inclina-se e sae pelo
fundo á esquerda) Queria voltar para minha
casa... é tarde... (Entra de novo no quarto da direita.
No mesmo instante, chegam pelo fundo, á esquerda, Théo, Valentim
e Jonas, com vestuario de baile.)

Théo — Muito bem!... graças ás minhas
cartas de convite, eis-nos junctos no baile
do meu amigo... o barão Stevens de Wol-
verschott.

Valentim — (Com um ar zombador) Pri-
gado Théo!...

Jonas — (Respeitando do fundo) O bello sexo
parece-me encantador. O amor espera-me
talvez aqui!...

Théo — (C'á parte) O que sente este Valentim,
quando fallo do barão Stevens?...

Jonas — (Aproximando-se de Valentim) C'á proposi-
to, Valentim, tu não me queres mal por causa
da minha indiscrição em casa da Rosinha?...

Valentim — (Tornando-se triste) C'vão!... mes-
mo porque era preciso que ella soubesse do
meu casamento... não sabia como havia
de dizer-lh'o... c'vão, não te quero mal por

isso... peço-te unicamente que não pronuncies mais esse nome de Rosa...

Theo — Dize-me, Valentim, conheces o barão Stevens?... (Jonas que tomou a subir desce pela esquerda)

Valentim — Eu?... não... peço-te que me digas que qualidade de homem é'...

Theo — Que qualidade de homem é'... não sou eu que t'ò hei de dizer, posto que conheça a fundo esse bom homem, a quem trato há annos... e pelo amor de Deus... Todavia o que eu não julgar conveniente dizer d'esta casa, um outro t'ò diria...

Valentim — Com mais malicia que tu.

Jonas — Então falle, doutor!

Theo — Pois bem! o barão Stevens de Wolverschott é um homem singular... Em primeiro logar é Belga, e por isso não merece ser enforcado; mas é tolo, vaidoso, mesquinho, e... etc... Vês aquellas velas?... estão já na sua segunda representação; já serviram no baile dado há quinze dias, conheço-as muito bem, porque as marquei.

Jonas — (com finura) E o seu tamanho annuncia que ha de ser preciso retirar cedo... Mas a baronessa?... que qualidade de mulher vem a ser?... (A quadrilha acaba e pouco a pouco vão saindo da sala do fundo).

Theo — É uma mulher que nem sempre é feliz!... Aqui para nós, ella era orphã e foi educada em casa d'um jardineiro de Montmartre. Nem dia em que ella vai

vender, conforme o seu costume, ramalhetes. 91.
de flores ao boulevard dos Italianos, fi-
zeram-n'a assentar a uma mesa do ca-
fé de Paris; e de tarde, como tinha ven-
dido mais flores do que aquellas que o
jardineiro lhe tinha confiado, não voltou
a Montmartre, e ficou nas alturas de
Breida. D'este elevado ponto de vista, pa-
rece que se via tudo muito claro: uma
manhã que a ex-ramalheteira observava
as pessoas que passavam, avistou um ba-
rão belga que andava em busca d'uma
mulher que satisfizesse o seu ideal!...
Devemos acreditar que era ella o tal en-
te ideal, por isso que se tornou a baroneza
do barão.

Valentin — Depois d'uma pratica
sufficiente.

Théo — Quem t'ó disse?... Mas ella pa-
ga bem o seu adiantamento!... Não se pas-
sa uma hora sem que o seu marido lhe
lance em rosto a posição d'onde a tirou!...
Não recebe no boulevard o cumprimento
d'um homem, sem que o barão lhe diga:—
É alguma das suas antigas illusões, mi-
nha senhora!...

Jonas — Esse homem nunca devia
sair!

Théo — Se a desgraçada se enfada,
elle offerece-lhe o divorcio, pois o casa-
mento effectuou-se na Belgica, e confor-
me a lei, qualquer falta de cumprimento
das condições da escritura de casamento,
pode este annullar-se...

Jonas — Como pode ella desposar
um semelhante... marido?

62 *Theo* — (Olhando pela porta da direita, do fundo) *Chas*,
não vejo esta noite por cá os convidados
do costume... está cá uma sociedade no-
va... (Olhando pela porta da esquerda) ou antes duas so-
ciedades... porque d'aquelle lado estão
os amigos do marido... (Voltando-se) e d'este... sim...
e d'este, alguns dos antigos adoradores da
senhora... *A baronessa triumphá*... (Jonas
torna a subir e aperta pela porta da direita).

Valentim — (Olhando para a direita) Oh! Pi-
gandard, por aqui! o meu futuro tio! e
rindo com estas senhoras...

Jonas — O meu futuro tio é muito ga-
lanteador!

Valentim — E que senhoras... (Voltando
à scena) Ainda me apparecem estas actrises
do amor... Não de perseguir nos em toda
a parte... e o que veremos, se, depois de
casadas, estas senhoras se visitam mutua-
mente?

Theo — (Tomando a descer) Isso é com os ma-
ridos!

Jonas — (Enthusiasmado) Mas essas senhoras
de quem estás fallando, *Valentim*, os so-
pazes de Villers-Cotterets, conversam mu-
ito a seu respeito nos cafés... Oh! mostra-
m'as, *Valentim*...

Valentim — (Chegando-o ao fundo à direita) Poi-
bem, olha, rapaz... tu que queres instruir-
te, repara... e toma sentido... Vês estas lin-
das creaturas? são senhoras que vivem dos
seus rendimentos as quaes com receio do
seu inverno hypothecaram a sua pri-
mavera e empregaram o seu coração...
em rendas vitalicias... É a posteridade
degenerada das antigas cortesãs, aquellas

a quem chamamos n'este seculo: Asparas, 3
Coretes, Camélias, Filhas de Alvaros,
que sei eu... quanto a mim chamar-
lhes - hia Devoristas!... (C' parte, afastando-se um pouco) quan-
do as vejo, e penso n'essa Rosinha...

Jonas — (Tomando a descer) Devoristas!... Oh!
isto é interessante! Devoristas porque?

Théo — (Que parece resbrido e assenta-se, com um ar
zombador, a Valentim) Avante, filho de Catão!
Dizes então Devoristas?...

Valentim — O que não devoram el-
las?... As heranças, os talentos, as carrua-
gens, as reputações, as cachemiras, as flores,
o bronze, o ouro, e os diamantes... Devoram
tudo! e das digrem!... (Passa à direita e assenta-se no sofá)

Jonas — Como tu as trataas... queres então
que ellas formem agora uma colligação?

Théo — O que tu diseste não está mal
redigido... Vê-a que tens frequentada
o Theatre contemporaneo... Do mesmo mo-
do, que Valentim, tambem tu te atiras
a torto e a direito a essas pobres creatu-
ras, sem fazer excepção alguma!... Tens a
consciencia de estar isento de peccado como
aquelles que lhes lancaram a primeira
pedra!... (Levantando-se e indo a Valentim) Vamos, va-
mos... sejamos mais serios! Ha muito que
dura a sua amavel satyra em virtude
do direito do mais forte! que aquelles
que estão verdadeiramente indignados
se declarem contra aquelles que as
fizeram o que ellas são, essas... essas De-
voristas, contra aquelles que querem ser
devoradores, miseraveis seductores!...

Valentim — És um bom advoga-
do das mulheres.

64. Theó — Advogado da razão, advogado do coração! Os desgraçadas!... Vê qual é o seu ponto de partida. E ou não é verdade, que a historia do seu passado consta quasi sempre do abandono d'um homem que ellas amavam?... só pensam em as julgar... Quantas d'entre ellas foram educadas pelo demonio dos maos conselhos! Quantas outras não tiveram mães... Pois bem! E apesar de tudo, eu conheço muitas d'essas virgens loucas a quem a caridade conta no numero dos seus fiéis! desertaram como uma mysteriosa necessidade d'expiacao, uma homenagem involuntaria á virtude... (A Jonas) Por exemplo? perguntasteis o motivo porque a baroneza desposou seu marido?... É porque o velho jardineiro de Montmartre tornou-se enfermo e miseravel; a antiga samaliteira quiz soccorrel-o, mas, como elle conhecia a sua vida, recusava tudo obstinadamente. Ella então casou-se, e o velho aceitou uma pequena pensão... (Sobrinhando) Aqui está a razão, porque a pesar de tudo o que ella soffre, a baroneza não quer divorciar-se.

Valentim — (Attento) Ah!... (levantando-se).

Theó — (Continuando) Quanto a mim, diante d'esses transfugas da honra, que os seus proprios accusalloses tem primeiro dorado e transformado em idolos, nunca queimarei o puro incenso que se chama estima.

Jonas — Porque sois philosopho.

Theó — Porque são mulheres!

53

Valentim — Tens razão, mas peço-te que sejas um pouco mais indulgente para com os teus contemporâneos...

Jonas — (A parte) Ambos me divertem muito... como estas Devoristas estão contentes... se eu pudesse fazer-me devorar... (Vae para entrar à direita)

Theó — (Olhando para a esquerda) Ah! vem o barão dirigindo-se para nós, vou apresentar-vos...

Valentim — (Olhando para a direita) A baroneza vem também d'este lado... (com um suspiro) Pobre Julieta!...

Theó — (com vivacidade) Hein?... pois tu conheces-a?

Valentim — Ah! meu caro! ella teve tantas illusões!...

Theó — E sabias do seu casamento?...

Valentim — Pois não, doutor.

Theó — E como não tinhas entrada n'esta casa, aproveitaste-te das minhas cartas de convite?...

Valentim — Pois não, doutor.

Theó — E é essa a razão porque te rias quando te fallava do baile do barão Stevens?

Valentim — Pois não, doutor. (D'um outro tom) Ahem d'isso tinha necessidade de me distrahir.

Theó — Ah! grande maroto!... vem d'ahi!...

Jonas — (A Theó) Ah! com que então, foi o senhor mesmo que o conduziu ao paiz dos amores! Caluda! ah! vem a baroneza!

66 Valentim — (Olhando para a direita) Encantadora menina!... o seu coração era um jardim, onde todos fazíamos samalhetes!
Théo — (A Valentim, querendo dar-lhe abraço) Vem, maganão!

Valentim — Não!... quero cumprir a baroneza. (Todos tres se afastam um pouco para a esquerda — Julieta entra pelo fundo, à direita, seguida quasi immediatamente de Stevens, que se viu atravessar a sala do fundo da esquerda para a direita.)

Scena II.

Jonas, Valentim, Théo, Julieta, Stevens.

Julieta — (Rindo) Ah! ah! ah!... como ellas estão contentes!

Stevens — (Aproximando-se d'ella) Minha senhora, roubaram-me cartas de convite! estão aqui caras que me são desconhecidas!

Julieta — Não são mais feias, senhor, pelo contrario!... já me aborece ver aqui sempre os mesmos individuos, e por isso convidei algumas pessoas do meu conhecimento para me distrahir um pouco!

Stevens — (Furioso) Fazem-me esquecer os seus conhecimentos!

Julieta — E os seus fazem-me gelar!

Stevens — (Christando o doutor Théo, Valentim e

Jonas, baíxo) Basta, Senhora! (Alto a Théo) Olá! 67
boa noite, doutor. (Théo volta à scena com Valen-
tim e Jonas)

Théo — (com um modo contrafeito) Minha
Senhora, senhor barão, permittam-me
que lhes apresente o senhor Valentim
Desrives e o senhor Jonas Fantoche.

Julietta — (Reconhecendo Valentim) Ah!...
Stevens — meus senhores... (Voltando-
se para Julietta, a meia voz) Minha Senhora... es-
tremeceste ao olhar para este homem!...
É uma das suas antigas illusões, não
é assim?... (Voltando-se e cumprimentando ainda —
alto) Sede bem vindos, meus senhores!...
(Baíxo a Julietta) Não é assim, minha se-
nhora?

Julietta — (com um gesto desesperado) Ah!... (Baí-
xo a Stevens, encolerisando-se) E quando assim fosse, se-
nhor?... Não fui eu que o convidei!... está
contente!...

Stevens — (Baíxo) Ah!... sei o que sou!...
(À parte) Ah!... cá está outro!... vou dizer-lhe
duas palavras. (Vae directo a Jonas — alto) Muito
desejava conversar um pouco com o se-
nhor!...

Jonas — Às suas ordens, senhor barão!...
Stevens — (À Valentim) Senhor, peço-lhe
que acompanhe a baronessa. (Dirigindo-se
a Julietta, baíxo) Faça favor de se conter, mi-
nha senhora!... poupe aos meus amigos
o escandalo das suas reminiscencias!...

Valentim — (Aproximando-se de Julietta) Se
a senhora baronessa se digna aceitar o
meu braço!...

Théo — (À parte) Junctos!... (alto, aproximando-se
do outro lado) Mas a senhora baronessa tinha...

58 me prometido... (Julietta e Valentin sobem)

Scena 3^a

Os mesmos, Rigandard
(Vindo apressadamente do fundo, à direita)

Rigandard — (A Theo) Por cá, doutor, bravo... bravissimo... (Reconhecendo Valentin e Jonas) Ola! também estes caros amigos.

Jonas — O nosso bom Rigandard!
Rigandard — (A Theo) Venha cá, filho d'Esculapio, venha depressa... está ali uma senhora partida em duas.

Jonas — Em duas...
Rigandard — Pelo seu espartilho, foi preciso de sapestal-a, e está muito magra... (A parte) Não sou do seu parecer.
Theo — Oh! com os diabos!

Rigandard — Vamos, doutor, depressa... em auxilio da belleza... (Leva-o para o fundo)

Jonas — (A Stevens, que lhe dá o braço subindo) Senhor brado, possui a mais bella mulher de Paris!

Stevens — (Com amargura) Acredita?

Jonas — Estou certo d'isso. (Stevens leva-o para o fundo à esquerda — Valentin e Julietta, que atravessaram a sala do fundo da esquerda para a direita, voltam à scena pelo fundo à direita).

Scena 4^a

Julietta e Valen- 69 tim.

Julietta — (Deixa o braço de Valentin, vai dar uma volta em roda da sala e volta exclamando) Bom dia, Valentin! bom dia, meu amigo.... ah! que prazer, que sinto em tornarmos a ver! abraça-me.

Valentin — (Recuando) Nunca tal ousarei, senhora baronessa.

Julietta — (Desorientada) Ah... Mas ao menos, por piedade, não me chame baronessa! Ah! Valentin! Valentin! que recordações!

Valentin — Julietta... é preciso ter philo-

Julietta — Com um marido tão tyranno e tam verdugo, fraco remedio é a sua philo- sophia! Um homem que se mette em tudo, que conta as achas de lenha, as garra- fas, as velas!... Sabe a como está hoje o lombo de vaca!... pois sabe-o elle!... Uma mulher precisa de botinhas, não é assim!... pois bem! por vontade de meu marido, não me compra senão uma!... ora calce o outro pé com a sua philosophia!

Valentin — É realmente um homem singular!

Julietta — E que lindas conversações! tirou-me da abjecção! diz elle.... — E tu, villão, tiraste-me do seio das flores!... Che- ga mesmo a... (Faz gesto de bater) Que intimidade, hein? acredite! É uma posição bem cruel!

Valentin — Mas porque...?

Julietta — (Continuando a fallar) Preferia antes.

viver em uma choupana, correr pelos campos, gritar a' vontade! Ah! este homem a minha vontade era mordê-lo, espancal-o!... e... (Barando) Creio que o interrompi?

Valentim — Dizia eu porque motivo fez semelhante casamento?

Julietta — Poderia responder-lhe que não sei... que chovia n'esse dia, que era para me distrair, para enganar o tempo.

Valentim — (Rindo) Ah!... Ah!... sempre o engano!... nem o proprio tempo escapa!...

Julietta — Quis ser broneza, eis a causa de tudo! E para fallar a verdade, elle fez uma tremenda camelice casando commigo!

Valentim — (A parte) E nem uma palavra a respeito do velho jardineiro!... O bem se envergonha-se do mal, assim como o mal se envergonha do bem.

Julietta — Ah! que differença elle faz de vós, Valentim!... tão gentil, tão generoso!... incredulo, e' verdade!... mas franco, honesto, e... cheio de amor, enfim!... ah! meu caro, quanto vos amei!

Valentim — Eu tambem!

Julietta — Lembras-te das nossas céas no inverno? lembras-te dos nossos passeios ao bosque nos dias de sol? lembras-te...

Valentim — (Interrompendo-a) Tu, tu... Julietta, o sol esconden-se para nós! não nos devemos tratar por tu, esse tempo passou!

Julietta — Tu só és asneiras!... quer então que o trate por senhor? Seja! está contente?

Valentim — Perfeitamente! (Julietta le-)

va-o para o sofá onde ambos se assentão).

71

Julietta — Dize-me, lembra-te d'aquel-
la Anna... que tinha os olhos esverdilhados?...

Valentim — E tu lembra-te... (Barando en-
colerizado) Diabo... isto não pode continuar assim!
(Encostando-se e continuando em outro tom) lembra-se d'essa po-
bre Elisa da Ópera?

Julietta — O seu primeiro amor....

Valentim — Que é feito d'ella?

Julietta — Tem uma loja de tabacos...
(Mudando de tom) lembra-te d'aquelle dia
que passamos em Enghien... a cerejeira...
a tempestade... a cabana...?

Valentim — (Sorrindo-se) Não era eu... Ju-
lietta, recorde-se bem...

Julietta — (Muito pouco confusa) Está certo d'is-
so... (levantando-se e passando para a esquerda) Não importa!
era bom tempo... tempo em que cantáva-
mos a minha bacchanal favorita! (Va-
lentim levanta-se também)

Valentim — (Olhando em torno de si) O tempo
passado é sempre o melhor tempo!

Julietta — Foi bem em vir acompanha-
do com o doutor Théo; é um grande me-
dico... e... escute, Valentim, pode casar-se
com uma ex-baroneza; diga que me quer
desposar e eu aceito o divorcio com que
o horrivel Belga está continuamente a
ameaçar-me.

Valentim — (c'f. parte) Que lembrança!
(alto) Mas, minha pobre Julietta, o seu
marido possui uma grande fortuna... e
eu... não a tenho.

Julietta — Ora... que importa isso? bastava.

72 nos o nosso amor... (Ouve-se uma polha e vê-se reaparecer na sala do fundo as damas e os cavalheiros que polham.)

Valentim — O que a minha amiga acaba de dizer é excelente... mas a hora do esquecimento sou, e além d'isso, é forçoso dizer-vol-o... eu... eu vou também casar-me, e amo a minha futura. Vamos dançar, baroneza...

Julietta — Ah... (com melancolia) Vamos dançar, Valentim. (Saído) É forte fatalidade. (Saem pelo fundo à esquerda e vêem-se polhar na sala do fundo)

Scena 3.^a

Stevens e Jonas, (Entrando pelo fundo à direita, depois Rosa)

Jonas — Juro-lhe, senhor barão, que não comprehendo sequer uma virgula de tudo quanto me tendes dito.

Stevens — Sois bem! já que é preciso rasgar de todo o véo... Euvi... (Voltando o para o fundo) Aquella dama que dança com aquelle cavalheiro que me apresentaram juntamente com o senhor...

Jonas — O senhor baroneza...

Stevens — Atreve-se a dizer que não foi o senhor que a desviou outr'ora do caminho da virtude?

Jonas — (Estupefacto e exclamando) Eu?... outr'ora... eu...

Stevens — Pouca bulha!... ella confessou-me o.

Jonas — A baronessa?

Stevens — Sim.

Jonas — (A' parte) Com que intenção?... Ella é linda!... mas... (Alto) Ouca, senhor, posso afirmar-lhe que estou namorado, e pela primeira vez, d'uma lentilhainha... já me não lembro quem foi que deu não sei o que por um prato d'este legume... Eu daria por esta unica lentilha...

Stevens — Ora! senhor, não se trata agora de lentilhas; perde o seu tempo se julga que muito de conversa; e fiqu sabendo que na posição em que me acho, preciso absolutamente ter um duello. Só depois de ter morto alguma... illusão assim como vós, deiparás de mudar tanto a barreira... já comprehende o meu fim... e visto que sois vós, segundo ella me confessa, quem...

Jonas — Oh! Senhor!...

Stevens — Caluda!...

(Stevens — (Continuando) Sois vós quem se-
pultou a sua innocencia no abysmo
d'onde, felizmente para ella,ousei ti-
ral-a...

Jonas — Mas, senhor, forceas-me
ainda uma vez, a uma confissão que
seria a gloria d'uma aldeia...

Stevens — (Depois d'uma pausa, apoiando) Felizmente
para ella?

Jonas — (Do mesmo modo) A gloria d'uma aldeia!...

Stevens — (Continuando) Sois vós que haveis de
ficar vencido!

Jonas — (A' parte, passando para a esquerda) Este homem

Amboz fallam ao mes-
mo tempo.

74 é um selvagem!

Stevens — (Tomando a si) Agora que já me compreendeste...

Rosa — (Saindo do quarto da direita) Decididamente, esqueceram-se de mim... (Dirige-se devagar para a sala do fundo, d'onde tinham saído ha pouco os dançantes)

Stevens — (Vendo Rosa, baixo a Jonas) Caluda!... pouca fulha!... logo continuaremos...

Jonas — (A parte, saindo) Vou consultar o meu amigo Pigandard!... Ah! não me diverte tanto como esperava... (Sai pelo fundo à esquerda).

Scena 6.^a

Stevens e Rosa.

Stevens — (Fazendo parir Rosa) Não sabe por onde é a saída, minha menina, eu mesmo vou indicar-lh'a...

Rosa — O senhor tem muita bondade! (Vae para sair)

Stevens — (Detendo-a) Faço-lhe os meus cumprimentos: a baroneza está vestida com o maior gosto... Vê-se que foi a menina quem pregou o ultimo alfinete na sua toalete.

Rosa — (Mesmo joço) É favor que o senhor não me quer fazer.

Stevens — (Detendo-a ainda) Tenho ainda que lhe dizer duas palavras a respeito da sua ultima conta. Parceu-me que tinha contado os enfeites de renda a razão de 65 centimos o metro, em lugar de 60... Ha tambem um pequeno erro nos debitos do vestido azul... e de...

pois diga-me... quando os casacos são largos 75
porque não se ha de substituir uma parte
da farenha que elles tapam por... uma fa-
zenha propria para furos...?
Rosa — Mas, senhor...
Stevens — Nós arranharemos isso... (Julieta
entra pelo fundo à esquerda)

Scena 7a

Stevens, Julieta e Rosa, depois
Valentin, depois Rigandard,
Alguns convidados, depois Jonas, depois Theo
e enfim Victor Dionysio.

Julieta — (cd Rosa) Ainda cá está, menina?
Pois então, tenha paciência, ha de fazer-me o
favor de vir ao meu quarto para dar uns
pontos no meu vestido que o mar paracala
de descor.

Stevens — (com voz forte) Ainda mais essa
despesa!

Rosa — Immediatamente, minha se-
nhora... (Vendo Valentin que entra pelo fundo à esquerda com al-
guns convidados. — à parte) Valentin...! (Entra no quarto da di-
reta)

Stevens — (cd Julieta) Mas, só os seus pares é
que fazem isso...

Julieta — (cd Rigandard que entra pelo fundo à direita
com um convidado, mostrando-lhe a mesa de jogo.) Senhores jogadores,

76 aqui está uma mesa que os espera.

Rigandard — Excelente Senhora, mil agradecimentos! (Sentam-se à mesa do jogo com os convidados — Valentin fica ao fundo)

Stevens — (Detendo Julieta que entrava no seu quarto e mostrando-lhe os convidados) Ah! estão os seus amigos, minha senhora... deram causa a que se retirassem alguns dos meus... mas quando todos saírem, haremos de conversar um pouco.

Julieta — Quando quizer! (c'd'parte) Se elle tem a triste lembrança de pegar no chicote para me bater, agarro na tenaz e faço-o ver uma bruxa. (Entra no quarto da direita).

Rigandard — (aos jogadores) Não tenham medo, meus senhores... sou completamente feliz nos amores. (Jogam — Valentin vem assentar-se no sofá)

Jonas — (Entrando pelo fundo à esquerda, à parte) Bom! Já avisto o meu excellentê Rigandard! (Vai para se dirigir a Rigandard, Stevens detem-o)

Stevens — (Baixo a Jonas) Ah! está aqui... haremos de bater-nos a pistola.

Jonas — (Baixo) Isso não, senhor...!

Stevens — (Baixo) Pouca bulha...!

Jonas — (Baixo, desesperado) Pois bem! seja...! ha-de haver sangue derramado...! (alto, indo à mesa de jogo) aposto vinte francos...! (c'd'parte) Ah! não me diverto absolutamente nada...! (Stevens, vendo Victor Dionysio na sala do fundo, corre para elle — conversam em voz baixa durante o que segue).

Théo — (Entrando pelo fundo à direita e vindo por detrás do sofá em que Valentin está assentado, baixo) Com que então danceste com a baroneza...! cantaste-lhe a canção do: "Gouvernez-vous!..."

Valentin — É verdade...! mas o que tem

tu com isso?

77

Theo — Absolutamente nada! mas a tua canção tem tantas coplas que... causa-me inquietação...

Valentim — Como?

Theo — (Baixando a voz) Vejamos, Valentim, olha cá para mim um pouco... já conhecias a mulher de Victor Dionysio?...

Victor — (Que acaba de entrar pelo fundo, à direita, com Stevens, parando e à frente) Minha mulher! (Escuta)

Valentim — (Embaralhado) Eu?... eu não, Theo.

Theo — (Baixo) Esse não agrada-me pouco!... Escuta, meu amigo, eu estimo essa família... e vi hontem alguma coisa que pode inquietar-me... tranquilliza-me, e afiança-me que entre tu e Luiza não há nada que seja digno de censura...

Stevens — (Querendo trazer consigo Victor) Venha Dionysio, venha!

Victor — (Contendo-o) Não... fique...! (A musica faz-se ouvir. — Os convidados entram e guarnecem a sala do fundo. — Forma-se uma quadrilha e começa)

Valentim — Nada, meu bom Theo, absolutamente nada.

Theo — Em casos taes, Valentim, dá-se palavra d'honra.

Valentim — Tu podes acreditar-me independente d'isso...

Theo — Sim, mas porque hesitas?...

Valentim — (Mais alto e levantando-se) Ah! meu caro, exiges demasiado de mim...!

Victor — (Aproximando-se) Todavia eu exijo ainda mais, senhor... pois é pura mentira o que acabas de dizer...! (Levantam-se e

98 *aproximam-se) e intimo-o a declarar-o perante todos aquelles que o ouviram... ou senão, queira nomear os seus padrinhos!* (Julietta e Rosa saem do quarto da direita e conservam-se a distancia muito assustadas. — O resto da scena representa-se a meia voz.)

Jonas — (c' parte) Um duello! tambem elle (Passa junto de Valentin)

Richard — (c' parte) Com a brica! te-
nho de ser padrinho de meu sobrinho....
(Sobe e passa à direita junto de Jonas: conservam-se no segundo plano)

Rosa — (c' parte) Ah! meu Deus!

Valentin — (c' Victor) O senhor é impor-
tuno!... se me tivesse pedido em voz baixa
o que me pediu... tam alto... não sei o que
lhe teria respondido... mas declarar que
menti, a quem disestes hontem que eris
forte no jogo de todas as armas... é mais
difficil!

Theo — (c' parte) Ah! parar que fui en-
questionar com Valentin. (Baixo a Valentin, com
energia) Petrata-te, não tens outro remedio!...

Valentin — (Do mesmo modo) Diante de toda
esta gente?...

Theo — (Baixo) É o expediente mais acerta-
do!

Valentin — (Baixo) Ah! estás louco!

Victor — (c' Valentin) Então, senhor!...

Valentin — Então, senhor... fizestes
muita bulha, e agora...

Victor — (Interrompendo-o) Basta!... Serão meus
padrinhos o doutor Theo, e o barão Steven.

Valentin — Theo!... contava com
elle...

Theo — Enganou-se!... ambos me são.

caros... mas n'esta questão, estou do lado d'aquella
le cuja honra foi offendida... (Pega na mão de
Victor).

(Levanto o panno)

Acto Quinto.

Instituto Politécnico de Lisboa

Bonito sitio nos bosques d'Chunay, perto de Locaux. —
A esquerda a casa do guarda do bosque; no centro, uma
grande arvore copada; ao fundo, um caminho tor-
tuoso que atravessa o theatro; bello céu d'outono; em
frente da arvore, um banco e uma cadeira rusti-
ca.

Scena Primeira

Rosa, Valentim, depois Théo.

(Ao levantar do panno, Valentim, estendido em cima do banco; Rosa, em
pé, de frente d'elle, vê-o dormir)

Rosa — Dorme... O ar forte, o calor, este primei-
ro passeio nos bosques d'Chunay, tudo isto o fati-
gou, mas o seu somno é tranquillo como o somno
do innocente. Que ventura a minha, saber que

80 está salvo e que a sua ferida não tornará a abrir-se mais... Vamos, o meu serviço d'enfermeira terminou, e, hoje mesmo, volto para a minha aqua-furtada... O' Valentim! meu primeiro e ultimo amor... Agora quando o tornar a ver já deve com certeza estar casado... se o tornar a ver... (com outro tom) Oh! como este sol de setembro é ainda ardente... e Valentim que não quiz entrar para o seu quarto, na casa do guarda!

Theo — (Chegando do fundo, d direita, e limpando o rosto) Saffa! até que cheguei... e estou bem contente, porque receio que tenhamos grande trovão por causa do excessivo calor que faz.

Rosa — (Mostrando The Valentim) Caluda!...

Theo — (Fallando mais baixo) Ah! sim, muito bem! está dormindo. Então a menina está aqui em pé exposta a este grande calor...?

Rosa — (Mostrando Valentim) É para fazer The sombra.

Theo — (Tomando o seu lugar) Pois bem! eu fico em seu lugar se me dá licença! e vou descansar um pouco. Elle tem passado bem desde hontem.

Rosa — Muito bem!...

Theo — Bravo! e agora, é preciso que a menina trate de si... peço The isto, e até mesmo o opido.

Rosa — Essa é boa! algum cansaço... que é isto... e verdade queabei muito juncto do nosso amigo... mas há dez dias que elle deu pou a sua casa, para vir aos bosques d'Chunay acabar de se curar, e o bom ar d'estes sitios já me restabeceu.

Theo — Sim, mas a menina volta esta tar.

de a Paris, e...

81

Rosa — (Olhando para Valentin que faz um movimento)
Ah! parece-me que Valentin acordou!... Va-
mos, já que parto esta tarde vou despedir-me
da vizinhança. Ade logo, doutor!... (Sai pelo fundo
à esquerda)

Scena 2.^a

Theo e Valentin.

Theo — (Pensando mesmo) Sim, sim, a vizinhança...
algum mendigo... ou alguma velha a quem el-
la pedia para rezar pelas melhoras d'este pa-
tife!...

Valentin — (Abreindo os olhos sem ver Theo) Ah!
que bom sono!... estava sonhando... Rosinha...

Theo — (Aproximando-se d'elle) Esta' confuso, senhor,
não é ella... sou eu. Olhe: estou perfeitamente
bem, mas Rosa ainda está melhor!

Valentin — Ah! Pois estavas aqui,
doutor?

Theo — (Assentando-se na cadeira junto do banco) Cheguei
agora mesmo... já visitei todos os meus doentes...
e sabes quem vi em Paris...?

Valentin — Não...

Theo — Victor Dionysio, que vinha des-
pedir-se de mim... e pediu-me que te desse
muitas recommendações, offerecendo-te os seus
serviços.

Valentin — Pois elle deixa Paris?

Theo — Deixa a França. Tranzei-lhe

82 uma sociedade com um grande industrial de Londres.

Valentim — Ah... Que Deus lhe dê toda a ventura que elle merece, e bem assim q' todos aquelles que lhe são caros...

Theo — É isso mesmo o que Victor te deseja; e' provavel que nunca mais se tornem a ver... porém Victor vai-se embora, possuido da maior estima por Valentim... Ah! meu caro, receber no peito uma estocada mortal e ter a coragem de dizer: "A mulher de Dionysio é honesta, furo-o pela minha honra; e se alguma vez o fuz em churida, mentis;" quanto esta confissão foi bella, Valentim, e mil vezes preferivel a teres morto o teu adversario.

Valentim — (Simplesmente, levantando-se) Pois se era a verdade!

Theo — (Levantando-se e olhando-o de frente) Muito bem!

Valentim — Ah! tinhas-me dito que me havia de acontecer alguma desgraça...

Theo — A estocada?... boa desgraça... Todos estão expostos a isso; ainda mesmo os que praticam accões meritorias... Tu, Valentim, que nas tuas empresas amorosas, ias desinquietar essas pobres mulheres... que não te procuravam... tu ainda merecias outra recompensa melhor.

Valentim — Como...?

Theo — De seres trahido pelo teu ultimo amor. Em lugar d'isso a Providencia curou-te quando devias morrer, e deu-te por enfermeira uma verdadeira irmã da caridade.

Valentim — Queres fallar de...

Theo — De Rosa Rousseau... e ainda, as irmãs da caridade não podem dispensar uns cuidados, em quanto que Rosa além do mais por teu motivo a sua casa, o seu trabalho... deu-te a sua saúde... que perdeu durante tantas noites de vigília...

Valentim — A sua saúde...

Theo — Sim! e o seu estado inspira-me algum cuidado... deu-te a sua reputação, pois todos sabem agora o que ella fez por tua causa.

Valentim — Oh! pobre menina! é verdade, que, ha tres mezes, sem ella...

Theo — Como! sem ella!... e então as outras?

Valentim — (Admirado) As outras...?

Theo — Então não comprehendeste nada do que se passou em roda do teu leito... não viste que todos a' porfia se empenhavam em te prestar obsequios?

Valentim — Mas...

Theo — Não fallo de mim, porque nunca tenho vintem; são numerosos os meus doentes, mas qual d'elles o mais pobre! as remunerações que elles me devem, sou eu que lh'as pago... e dizem que faço n'elles experiencias. Ah! é verdade que as faço... Não fallo tambem d'esse honrado Victor, mas sim das mulheres!

Valentim — Das mulheres!

Theo — Sim, das mulheres! a quem eu considero como embaixatrizes da providencia, e cuja ternura me tem feito assistir a cenas bem encantadoras.

84 Valentim — (Que se commove pouco a pouco) Que
queres tu dizer com isso?...?

Theo — Agora já comes com appetite... lem-
bras-te do teu caldo de frango, e d'essas sa-
vorosas costeletas tão queridas do conua-
lescente? d'onde te vinha isso? Não era
da minha cozinha, não! mas sim de casa
de Dionysio! e os frangos não abundam
n'aquella casa. Tenho lá jantado muitas
vezes: e a comida ordinaria é sopa, vacca
e arroz... Não tens delirio mais perigoso, foi
a mulher de Dionysio e Rosa que te
assistiram.

Valentim — Ella! 'Quize! e só agora
o sei!

Theo — Era a baroneza quem mandava
o azeite para o candieiro e a lenha para
o fogão.

Valentim — ~~Pois~~ Julieta!... Mas pa-
ra que foi tudo isso, tendo eu dinheiro na
minha carteira?

Theo — Qual carteira? nem mesmo a qui-
zeram abrir!

Valentim — Mas Jonas podia dizer...

Theo — O teu Jonas nunca mais o vi-
mos depois do baile do barão! talvez fosse
tragado por alguma baleia! Eu também
podia dizer-lhes: Elle é mais rico do que
vós... mas preferia deipal-os continuar: co-
medias d'estas não se vêem todas os dias.

Valentim — Obrigado, Theo, por me
teres feito saber todas essas cousas. obrigado...
sinto-me muito sensibilizado... Parece-me
que vejo mais claro.

Theo — (Alhando-o) Será por teres os olhos laccimosa, 85
que vês melhor?

Valentim — Eu saberei reconhecer tanta
dedicação!

Theo — (Enrugando os braços e dirigindo-se para casa) Se me
permittes, diga-me de que modo, senhor Va-
lentim?... Não ficamos nós sempre devedores
insolúveis das mulheres? Já pagaste a tua mãe,
a quem custaste a vida, os favores que lhe
deves? Já pagaste o que deves ás tuas tias,
que te dispensaram todo o seu amor? e á
tua primeira amante?... e áquellas que
amaste depois? Nada deverás a tua mu-
lher, não é assim? nem á filhinha que
ella te ha de dar talvez, e cujos primei-
ros risos te ha de comover até te faze-
rem chorar? Ah! material, fanfarrão, ingra-
to!

Valentim — (Com ar de riso) Continue, que-
rido advogado.

Theo — E a mulher junto do leito d'um
doente... paga-se o que se lhe deve depois
de curado?... Ah! exalta-me, as peores tornam-
se sensiveis, as mais galanteadoras são sine-
ras e socegadas, as pouco modestas recobram
o seu pudor, e as mais feias fazem-se bel-
las... bellas como a caridade! Ah! junto
do bem amado que soffre, a amante en-
grandece-se, o seu amor purifica-se, jul-
ga salvar o seu filho! e o medico inclina-
se reconhecendo alguma coisa mais pode-
rosa que a sciencia, é o instincto maternal
da mulher, é o genio da bondade!... — Não
tens mais nada a dizer, também eu não...

86 e entremos, porque está principiado a chover.

(Entra em casa)

Valentim — Ah! Rosa! Rosa!

Theo — (já da parte de dentro) Então, entra? (Valentim entra em casa)

Scena 3a

Jonas — (chegando pelo fundo, à esquerda) Que grande aguaceiro... Ah! allí está uma arvore onde posso abrigar-me, até encontrar Valentim. (Sentar-se no banco) Elle alopou-se na casa do guarda, disse-me o meu amigo Rigandard... Ah, já o procurei em tres... Ah! está, bati eu ha uma hora e ninguem me respondeu. — Ah! que tristeza a minha! (Estendendo a mão) Ainda chove, mas isto é trovada, ha de passar... Ninguém faz ideia da melancolia que me opprime!... Por mais que me digam que a herança que acabo de receber em Villers-Cotterets me enriqueceu e que vou ganhar milhões com Rigandard nos negocios que temos combinado, nada d'isto é capaz de acalmar os meus remorsos!... decididamente a fortuna não faz a felicidade!... (Estendendo a mão) Ainda chove muito bem! mas isto é trovada, ha de passar... (Continuando com convicção) Sim, os meus remorsos vão lá dizer a um amigo como Valentim: Julguei que tu não voltavas mais, e dediquei-me a adorar a tua desposada... ao principio quiz resistir, fiz o que ponde... Mas que pode o homem... tão fragil como é!... Theo.

rosa é tam linda!ousei fallar em casamento. 87
não me disseram nem sim nem não, e continu-
ei a amar... com remorsos, mas com delicias...
A lentilha é a causa de tudo isto... (Pervanta-
do) E para que diabo havia ella ir provar aquel-
le vestido?... Mas tu estás curado, Valentim... ve-
nho confessar-te tudo. (Estendendo a mão) E a chuva
continua; mas isto é trovoadas, ha de passar.
(Refugia-se de novo debaixo da amore) Confessar-te tudo... e
dizer-te: Tranquilliza-te... não quero perturbar
a tua felicidade... este segredo ficara sepul-
tado na minha alma... ninguém n'este
mundo suspectará, sequer, do meu fatal
amor. (Mudando de tom e voltando-se) É uma bella ar-
vore! Vou gravar n'ella o nome de Theresa
juntamente com o meu. (Tira um canivete, sobe ao banco e
começa o trabalho).

Scena 4.^a

Stevens e Jonas.

Stevens — (Entrando pela esquerda com uma bengalinha na
mão e sacudindo o seu chapéu) Chove deveras! refugiemo-
nos debaixo d'aquella amore... (Vendo Jonas) Bravo!
já está habitada.

Jonas — (Acabando e lendo) N, a, s, nas, Jonas!

Stevens — (Subindo ao banco, ao lado de Jonas) Hein?... Jo-
nas!

Jonas — (Surprehendido) O barão! (Descem ambos do banco)

Stevens — Como, o senhor tem o descara-
mento de estar aqui?

Jonas — O senhor atreve-se a apparecer.

88 na minha presença!

Stevens — Julgava-o em Bruxellas.

Jonas — Não o julgava já em Paris.

Stevens — Para que foi a Bruxellas?

Jonas — Porque as leis do meu paiz prohibem o duello... e porque motivo ficou o Senhor barão em Paris?

Stevens — Porque o duello é também prohibido pelas leis do meu paiz... E precisavamos esta questão, batendo-nos.

Jonas — Ora essa! depois de nos termos injuriado tam loucamente.

Stevens — Chamei-lhe impertinente!

(Ri.)

Jonas — Injuriiei-o com o epitheto de aca-
lerado (Ri.).

Stevens — (Zurioso) Chamei-lhe grande miseravel!

Jonas — (Zurioso) Defendi-o pela palavra estu-
pido!...

Stevens — (Tranquillamente, depois d'algum silencio) Como
nós nos tornámos a encontrar!

Jonas — E' inaudito!... (Estendendo a mão) já não
chove... mas a final de contas como tem
passado?

Stevens — Ah! estou muito desgostoso... e
dirigia-me agora ao baile de Sceaux para
me distrahir... E o senhor como vae?

Jonas — Oh! eu, com muita melancolia...
mas que... o que quer? a vida... e a vida!

Stevens — E' um valle de lagrimas!

Jonas — E' um martyrio continuado!

{ Stevens — Quanto a mim, depois
do nosso encontro, tenho soffrido bastantes

(desgostos, entre os quaes figura em primeira 89
logar o meu divorcio com minha mulher!

unidos
Jonas — Pelo que me diz respeito, de
pois da nossa separação, tenho sido consi-
deravelmente atormentado, pois achei o
ideal da minha alma, e sou obriga-
do a renunciar a esse anjo de candu-
ra!

Stevens — (Repetindo).... O meu divorcio com
minha mulher!

Jonas — (Repetindo).... O esse anjo de candura!

Stevens — (A parte) Um anjo de candura!
Não é Julieta...! (Alto) O que está dizendo?

Jonas — Que se explique melhor... De
que divorcio está fallando?

Stevens — Digo-lhe que eu e a barone-
za divorciámo-nos... Faltam apenas algu-
mas formalidades. Isto desgosta-me... estou co-
mo um corpo sem alma... mas resulta-me d'is-
to uma grande economia!

Jonas — E eu dizia-lhe que tenho de re-
nunciar a' unica belleza que jámais amei,
aquella cujo nome está gravado alli, como
no meu coração e por toda a eternidade!
(Mostra-lhe a árvore).

Stevens — (Indo ver) Thereza! (Voltando) Mas,
o senhor não falla da baroneza... da ex-ba-
roneza... Estarei eu enganado... julgando-o o pri-
meiro que ouço ora...

Jonas — Eu! o primeiro! nem mesmo o ultimo!

Stevens — (Apertando-lhe a mão) Querido amigo...! Oa,
veja que disparate se nos tivéssemos battido!

Jonas — Era uma perfeita asneira. e eu ti-
nha-vos morto com certeza!

90 Stevens — E eu também... mas o negocio
arranjou-se.

Jonas — E conduzimo-nos nobremente....
Diabo! e' ja' tam tarde para almocar.

Stevens — Jantaremos!...

Jonas — Sempre vae ao baile de Secamp,
verão?

Stevens — Sim, acompanha, caro amigo?

Jonas — Com a melhor vontade; mas
deixe-me primeiro bater a' porta d'aquel-
la casa. Se por ventura estiverem de volta...
(Bate a' porta da casa) Ah! mandam-me entrar! En-
tão, sinto não o poder acompanhar, vai
até ao baile, caro amigo, que eu lá vou ter...
este logo, não e' assim?

Stevens — Esta' dito! não se demore muito.

Jonas — (Entrando na casa) O menos que podes! O
barão vae para sair pela direita e para vindo Julieta que entra em scena
pelo fundo da esquerda)

Escola Superior de Teatro e Cinema

Scena 3.^a

Julieta e Stevens.

(Julieta está vestida com simplicidade, tendo na cabeça uma touca preta com
elegancia, trazendo na mão um bouquet)

Stevens — (Vendo-a) Ella! sei vós minha se-
nhora! como tem passado com a minha aus-
sencia?

Julieta — Quem e' este estrangeiro? Não
tem nada de bonito.

Stevens — Minha senhora!

Julietta — Quem é o senhor? Ah! 91.
Lembro-me, já o encontrei durante a mi-
nha vidua... sim, foi para expiação dos meus
peccados, assim o creio... mas já o não conheço,
meu caro, e não deveis também reconhecer-me!
Eu era debil, desengraçada e doente em
quanto vivi na sua companhia; eis-me age-
ra robusta e desembaraçada, risonha e fol-
gosa; tenho dez annos de menos e acham-
me mil vezes mais gentil!

Stevens — (bomuso mesmo) É a verdade! gen-
til, bella, graciosa, linda, encantadora!
(alto) O Julietta!

Julietta — Quem é essa Julietta?... Pe-
co-lhe que seja um pouco mais comedido.

Stevens — (a parte) Como é adoravel! (alto)

A senhora tem a bondade de me dizer
o que significa esse costume?

Julietta — Isto significa que sahi de
sua casa trazendo apenas as minhas chi-
nelas e a minha touca, e que, privada
de todos os recursos, voltei ao meu primeiro
estado... o velho jardineiro que me criou já
não existe, e era por causa d'elle que eu
soffria a minha escravidão; mas florescem
pre-hão de haver! ellas e eu reconhe-
cemo-nos e congratamo-nos, e comeco a ma-
nha novamente a vender ramalhetes.
Muito estimei ter o gosto de vender alguns
para a sua nova baroneza!... (dizendo estas pala-
bras passa para a direita)

Stevens — (Bernamente) Ah! Julietta!...

Julietta — Silencio... não admitto insolên-
cias.

92 Stevens — Parece-me que nunca che
tive amor e que começa n'este momento!...

Julietta — A historia da felicidade
que perdemos, e do juizo que quebramos...
é de nós muito conhecida. Continue o seu
caminho senhor barão.

Stevens — E... será indiscreção perguntar-
che para quem é destinado esse ramo?

Julietta — (Mostrando a casa) É para um
galante rapaz, que mora alli, proximo
do meu viveiro de plantas, e de quem eu
tenho sido uma das dedicadas enfermeiras,
na grave enfermidade que elle acaba
de soffrer.

Stevens — Como-o?

Julietta — (Passando á esquerda) O que tem o se-
nhor com isso? (Vae pôr o ramalhete em cima do parapeito da
janela).

Stevens — (A' parte) Ah! estou louco!... (Alto e
supplicante) Julietta!

Julietta — (Enfadando-se) Outra vez? Ora es-
ta! mas...

Stevens — Enfada-se! quer bater-me?
aqui tem a minha bengala (Apresenta-lh'a).

Julietta — (Sorindo-se) Reconheço-a muito
bem!

Stevens — (Com um tom supplicante) Julietta! não
tendes sandades nenhuma do nosso passado?

Julietta — Pergunte aos passaros que
fogem se tem sandades da sua gaiola! que
sandades quer que eu tenha da minha?
que feliz tempo que eu passei na sua com-
panhia! nem o proprio alimento tinha
com factura!

Stevens — Mas Julieta, eu amo-vos. 93
novamente... e sem vós soffro mil marty-
rios!

Julieta — E eu soffri cem mil mar-
tyrios com vósco! e se recapitulasse... Não!
estou satisfeita! (Dirige-se para o fundo e elle embarassa-
lhe a passagem)

Stevens — Adoro-vos verdadeiramente,
Julieta!

Julieta — (Tornando a descer) O que entende por
essa palavra Verdaderamente?

Stevens — Ha em Leauy um tabel-
lão, vamos a casa d'elle. Ainda é tempo,
de assignarmos ambos a desistência ao nos-
so pedido de divorcio, e dictarei as disposições
d'um novo contracto pelo qual tudo vos per-
tencera, e sereis senhora absoluta em minha
casa... em vossa casa!...

Julieta — Pois bem... seja!... (Movimento d'ale-
gria de Stevens) Mas este auto de divorcio, hei de
guardal-o para fazer uso d'elle..... a primei-
ra vez que me desgoste!...

Stevens — Sim! sim! porém nunca
haveis de fazer uso d'elle! pois não tereis
escravo mais submisso do que eu! nada de
desgostos, nada de ciúmes, de tyrannia, d'eco-
nomia!... quereis todas as minhas chaves?...
quereis a minha carteira?... quereis...

Julieta — De-me a sua bengala.

Stevens — (Dando-lh'a) Eis-a!

Julieta — (Com autoridade e levantando a bengala
mostrando a direita) Parão, vamos a casa do ta-
bellão!

Stevens — Ah! (Passa diante d'ella com um ar risinho)

94 e submisso — Ella sae triumphante atraz d'elle — Elles afastam-se pe-
lo primeiro plano à direita. — Theó, Valentim e Jonas saem da casa)

Scena 5ª

Theó, Valentim, Jonas, Rosa

Jonas — (A Valentim, saindo da casa) Disse-te tudo, Val-
entim, julga-me como quizeres... Agora vou
ao baile de Sceaux, fazer dançar a minha
melancolia!

Valentim — Um instante, que
diabo...! (A Theó) Rosa ainda não voltou?

Theó — (Christando o ramalhete de Julieta) Não! mas a
ex-baroneza veio visitar-te; e deixou a sua
carta. Agora em quanto a Rosa, vai hoje
para Paris na minha companhia.

Valentim — Não te váis ainda.

Theó — E os meus doentes?

Jonas — Fiquem, isso talvez os salve! (Rosa
apparece vindo da esquerda)

Theó — Ah! eil-a que chega!

Jonas — (Dirigindo-se a ella) Bom dia, meu-
na Rosa.

Rosa — Bom dia, senhor Jonas. (Jonas torna
a subir)

Theó — (A Rosa) Esta prompta para partir,
minha filha?

Rosa — (A parte) Já! (alto) Quando quizer, dou-
tor. (com tristeza) Vamos! vou tornar a ver a mi-
nha querida aqua-furtada e tratar das mi-
nhas flores e do meu tentilhão! que prazer
que hei de ter quando chegar... (A Valentim que

a olhar com emoção) Vamos, senhor Valentim, vou 95.
dizer-lhe adeus. (Théo sobe e passa à direita).

Valentim — (Segundo-lhe na mão) Rosa, não
quero esse adeus! Até hoje, Rosa, tenho des-
conhecido as mulheres, tenho offendido as mu-
lheres! mas escolhi a imagem diante da
qual hei de orar o resto da minha vida pa-
ra morrer perdoado, e quero...

Rosa — (Commovida) Valentim!...

Théo — (Suspendendo Valentim, a meia voz) Toma senti-
do no que vozes dizer a esta rapariga... A sua
saúde é delicada, e já te disse que não deves
de me inspirar algum receio...

Jonas — (Respirando) Que perfumes são estes
que se misturam com o aroma dos bos-
ques? (Rigandard entra pelo fundo à direita — Rosa passa junto
de Théo)

Scena 7ª

Os mesmos, Rigandard, depois
Theresa.

Rigandard — (Com um ar solenne) Tenho
a honra de cumprimentar todas as pessoas
que estão presentes.

Jonas — Sois vós, amado!... Temos alguma
novidade?...

Rigandard — (Baixando a Jonas) Calada!... es-
culta e aproveita!... (Passa junto de Valentim. Alto e muito gra-
ve.) O senhor Desrives sabe com que fidelidade
o senhor Berthoud manteve até hoje as con-

96 *reunões do seu casamento.*

Théo — (c' parte) O que quer elle dizer com isto? *Theresa* chega pelo fundo à direita. Para vendo seu tio e esenta.

Valentim — Pois bem, senhor, falle.

Rigandard — Hoje, essas convenções devem romper-se. Chore comigo, o senhor *Berthoud* está arruinado!

Theresa — (c' parte) Que diz elle?

Rigandard — Especulações desgraçadas impedem-o de dar à sua filha o modesto dote que ella vos trazia!... Estamos certos do seu amor para com *Therese* e que ella o faria feliz!... Mas que? não é só por isso que a gente se casa... e compreendemos que haveis de ser forçados a desdizer-vos. O senhor *Berthoud*, porém, prevê tudo; restitue-vos a vossa palavra... estais livre.

Jonas — (Exclamando) Mas eu estou prompto a casar com *Theresa*, mesmo sem dote!

Rigandard — (Baixando a *Jonas*, apertando-lhe o braço) Cala-te, desasado... não arrisques a tua felicidade!

Valentim — (c' parte) *Therese* arruinada!... porém não heitamos! seria uma cobardia! (Alto) Senhor *Rigandard*, pode dizer ao senhor *Berthoud* que hoje irei combinar com elle o dia do casamento!

Rigandard — (Desconcertado) Ah! bravo, *Valentim*, o que acabas de dizer é bello como a natureza! (Baixando a *Jonas*) Mas é mesmo muito bello!

Rosa — (Baixando a *Théo*, mostrando-lhe *Valentim*) Viga-lhe que faz muito bem, eu parto... (Tolhe um pouco).

Theresa — (Mostrando-se a Rosa) Fique, menina, 97
não é ocasião de partir.

Valentim — (Dirigindo-se a ella) Theresa!

Rigandard — Minha querida sobrinha! (A parte) Sou um tio perdido!

Theresa — Sim, meu bom tio, perguntei
a mim mesma o motivo porque me tinha
ocultado a sua visita ao senhor Valentim...
agora, sinto-me feliz de lhe fazer a mi-
nha, pois que tenho a satisfação de saber
que, mesmo pobre, querem casar comigo.
(A Valentim) Vos, senhor, por honra... (A Jonas) E
vos, senhor...

Jonas — (Com fogo) Por paixão!

Theresa — Com tudo, felizmente, o meu
dote é ainda o mesmo, pois meu paê não
está de todo arruinado... e ignoro porque moti-
vo meu tio veio aqui recitar esta fabula...
interessante... (Jonas passou junto de Rigandard).

Rigandard — (Embaralhado) Ah! meu Deus!
porque? é muito simples... é que... (A Theresa)
queria experimentar o amor do teu futuro.

Theo — (Embelesado) Pois bem! mas eu agrade-
ço-lhe em nome d'elle, Senhor Rigandard!

Rigandard — Porque? de que? Não
há de que. (Vai a Jonas) Faltou! queria fazer-
lhe restituir a sua palavra, com astucia
e chamar-te meu sobrinho! faltou!

Jonas — (A Valentim e a Theresa) Visto que nada
os pode já separar, bons desposados, esqueçam-
me... sejam felizes...

Theresa — Um instante, senhor Jonas,
talvez se engane.

Theo — O que quer dizer com isso?

98 Theresa — (com um tom resolute) Quero dizer, doutor, que o meu coração exige tanto quanto dá, e que a minha afeição por Valentim não reprime ainda o meu orgulho!

Jonas — (cô parte) Grande São Jonas! que diz ella!

Valentim — Explique-se, Theresa.

Brigandard — (cô parte) Ah! tenho uma esperança!

Theresa — Uma tarde, senhor, dirigia-me a casa do doutor, para o ver e offerecer-lhe também os meus cuidados. O doutor estava ausente. Entrando devagar, parei... acabava de ver... (Olhando para Rosa) esta linda enfermeira de joelhos e tendo na sua mão a mão do ferido...

Valentim — Minha senhora, os seus olhos illudiram-me; não se passou semelhante coisa, posso jurar-lhe isso!

Rosa — (Vivamente, depois timidamente) Não jure, senhor Valentim!... vou dizer a verdade: um dia, estava dormindo e eu sonava... De repente, por um movimento do sonho, a sua mão caiu sobre a minha... Recesi acordado... e... (Baixando os olhos) guardei a sua mão, e continuei a minha oração... O minha senhora, perdoe-me!

Theresa — Não tem de que pedir perdão, nunca se deve interromper uma oração, nem perturbar o sonho dos doentes! respitei o vosso, meu caro Valentim, e retirei-me devagarinho... Mas, como podeis tornar a ter um sonho semelhante, não é meu pae que vos restitue a vossa palavra, sou eu mesma. (Estendendo

lhe a mão) Quereis tornar a recebê-la sem que 99
por isso dispemos de ser bons amigos...?

Valentim — (Inclinando-se para lhe apertar a mão)

Oh! Thereza!

Jonas — Menina Berthoud, o júbilo de
enthroniza a melancolia, e a esperança
que...

Thereza — (Imperiosamente) Nem uma pa-
lavra!

Jonas — (Moíes, a Rigandard) Trata-me como um
negro... a minha felicidade é certa...

Theresa — Agora, retiro-me. (Valentim sobe
um pouco junto da casa.)

Théo — (Dirigindo-se a ella) Minha menina,
approvo de veras o seu procedimento... e feli-
cito-a... quer que a vá' acompanhar a sua
casa?

Thereza — Agradeço, doutor, tenho o meu
bom tio e o senhor Jonas, que precisa tal-
vez fallar a meu pae... (Movimento de Jonas) Pa-
re-se...! (A Rosa) O deus Rosa... (Rosa baixa os olhos e não
responde) Oh! maltratei-a muito, não é verdade?

Rigandard — (A Jonas) Então a respeito
d'aquelles negocios que tinhamos combina-
do...

Jonas — Oh! meu bom tio, fal-os-hemos
de sociedade...!

Thereza — (A Jonas, com um tom imperioso) O seu braço...
vamos...

Jonas — (Dando-lhe o braço) Aqui está!... (A parte) Ha
delicias... Rigandard, Theresa e Jonas saem pelo fundo d' direita.

Théo acompanha-os. Valentim sobe e segue-os com os olhos. Rosa para
para a esquerda.)

Scena 3ª

Rosa, Valentim, ^{depois} Julieta
 e Stevens, Thereza e Jonas,
 depois Théo, voltando.

Valentim — (Voltando-se para Rosa com os braços
 abertos) Rosa, estás livre!

Rosa — (Desfallecida) Valentim!

Valentim — (Sustendo-a nos braços) Minha Ro-
 sa! minha mulher! meu futuro abençoado!

Rosa — (Reabrindo os olhos) Olha Valentim! (Julieta
 entra pela direita com Stevens).

Julieta — (Pelo braço de Stevens, mostrando-os) Estão na
 lua de mel... (Vê-se ao fundo Jonas e Thereza de braço dado e vol-
 tados um para o outro; atravessam lentamente da direita para a esquerda)

Théo — (Voltando à scena e avistando os tres pares cada um de
 per si.) Bravo! bravo!! bravissimo!!! Hoje é dia
 de festa com repiques de sinos na freguezia
 do Paiz dos Amores!

Rosa — (Desembaraçando-se) Valentim! não sa-
 ias paga d'uma divida de reconhecimento!

Valentim — Rosa! não cedo senão ao
 mais puro amor que tenho sentido na mi-
 nha vida!

Rosa — Pois bem! então... (Abrindo-lhe os braços)
 Vem....

Stevens — (Com a maior doçura) Julieta! vol-
 temos a Paris.

Julieta — Partamos... (À parte) Vou entrar
 de novo no meu purgatorio... (Mostrando Rosa e Valen-
 tim) Alli está o meu paraíso perdido!

Theo — (A si mesmo, olhando para Valentim e Rosa) Vamos! /
vamos! Há um medico mais sabio que toda
a faculdade: e' o doutor Amor!

(Vae o primo)

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

